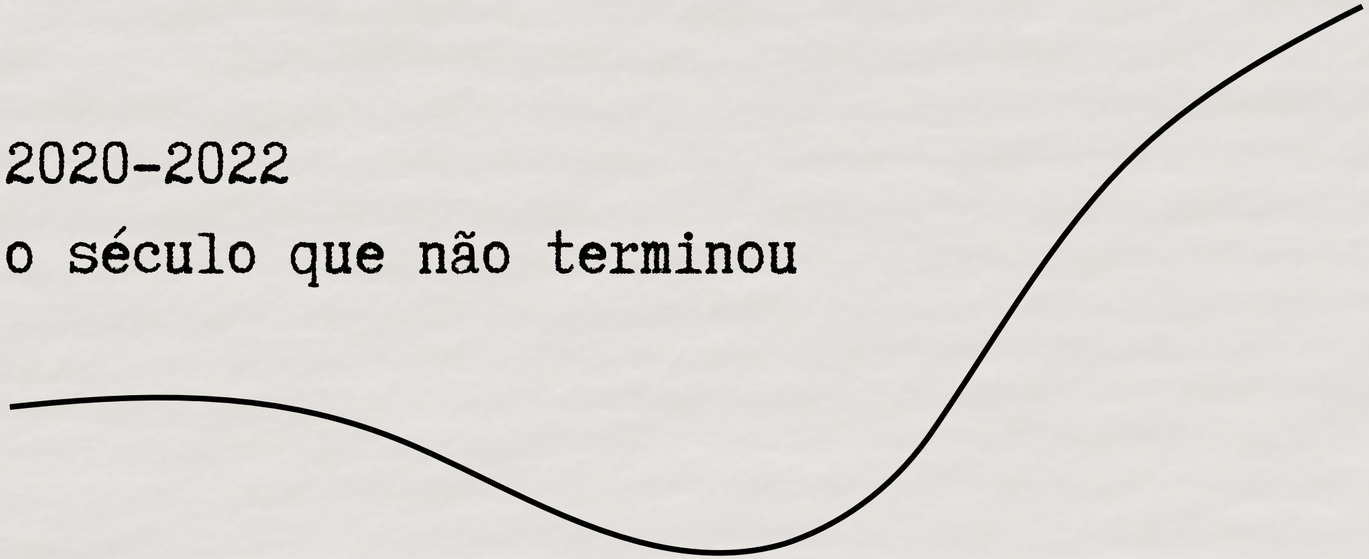
2020-2022
o século que não terminou



livros de artista e livros-objetos

Exposição

2020-2022 o século que não terminou

Local

TOTE Espaço Cultural

Período

de 5 de fevereiro a 5 de março de 2022

Curadoria e Expografia

Fabiola Notari

Montagem

Rogério Borges

Realização

Grupo de Estudos 'Livros de artista e livros-objetos: entre vestígios e apagamentos'

TOTE Espaço Cultural

Apoio

Casa Contemporânea

Núcleo de Livros de Artista

Campinas, 2022

p.s. como se fosse possível falar sobre

Março de 2020. O Brasil parou. O mundo paralisou. A Covid-I9 mostrou aos seres humanos que somos apenas parte do todo. Não somos superiores e nem melhores que os demais habitantes da Terra.
O período de isolamento social e afastamentos nos fez (re)pensar, (re)avaliar e (re)estruturar várias áreas de nossas vidas nessa recém "nova" realidade.
Nesta breve reflexão, peço que você se pergunte. Como foram os últimos meses? O que você fez? Pensou? Sentiu? Viveu?

> "Ver uma obra de arte e compreendê-la significa sempre fazer uma recriação (em vez de fazer uma simples 'leitura', termo tão inadequado). Aqui se concretiza uma nova dimensão do processo criador, que envolve o sentido de liberdade de cada um."
> OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. Campinas Editora UNICAMP, 20I3, p. 258

Livros de artista, livros-objetos e afins não possuem apenas o livro como suporte. Neles há um diálogo proporcional com outras linguagens artísticas. No livro há design, história e memória.
A exposição '2020-2022 o século que não terminou' apresenta a produção de vinte e um artistas que participaram do grupo de estudos 'entre vestígios e apagamentos'.
Foram muitos meses de produção artística contida. Pelo impulso de expansão, os trabalhos apresentados ocupam paredes, chão e teto do espaço cultural. Questionam o contexto histórico, burilam assuntos delicados e materializam em forma, cor, e textura aquilo que não foi possível falar nos últimos tempos.
Do grito calado ao sussurro percebido entre ruídos. A arte vem como meio de existir e permanecer existindo em tempos tão tenebrosos.

Fabiola Notari, 2022

ARQUEOGRAFIA
TILCARA

N-1
edições

THOM PSON
DENI SON
FAAP

O SILENCIO
OUVINDO

alma

alma
19
março

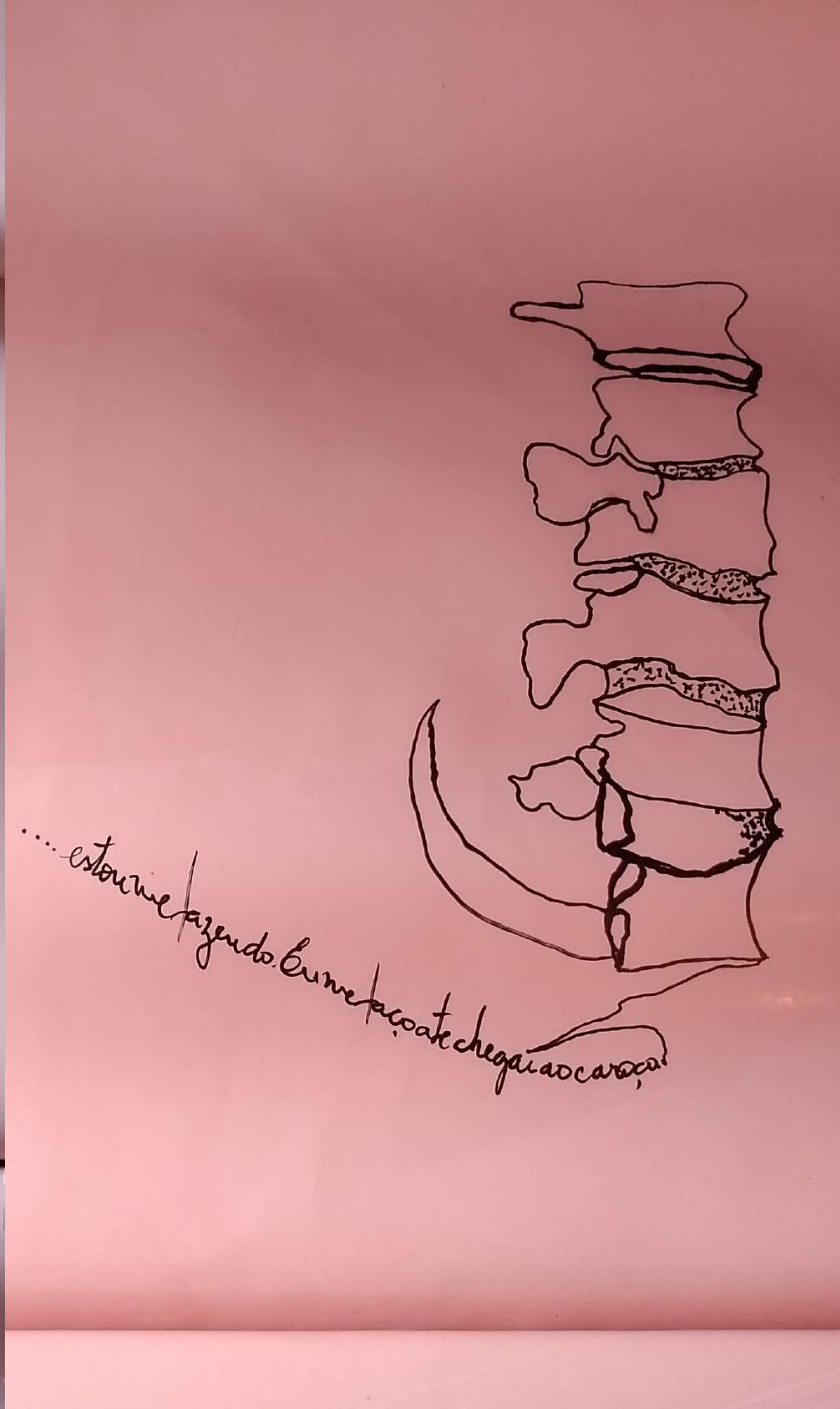
Ana Almeida

©ana3007

Pesquisa diversas linguagens artísticas, entre elas gravura, desenho, escultura e livro de artista. Tem participado de exposições organizadas pelos curadores Éder Chiodetto e Andrés Hernández.

Mas, o que é isso?
6 pranchas de borracha rosa e I prego
20 x I00 cm (fechado)
2022

"O mais profundo é a pele"


....estou me fazendo. Eu me faço até chegar ao coração

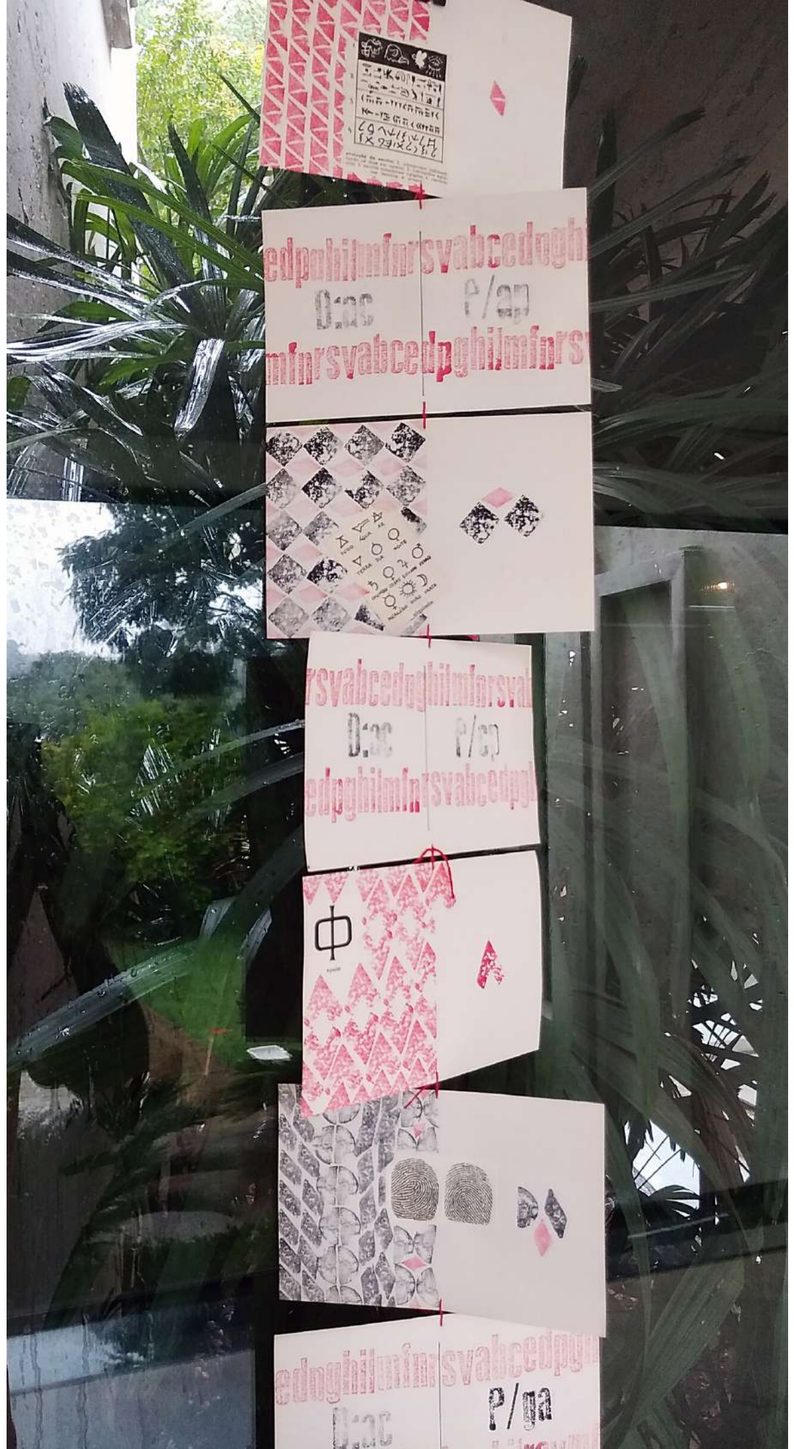
ANA CRISTINA ROSA

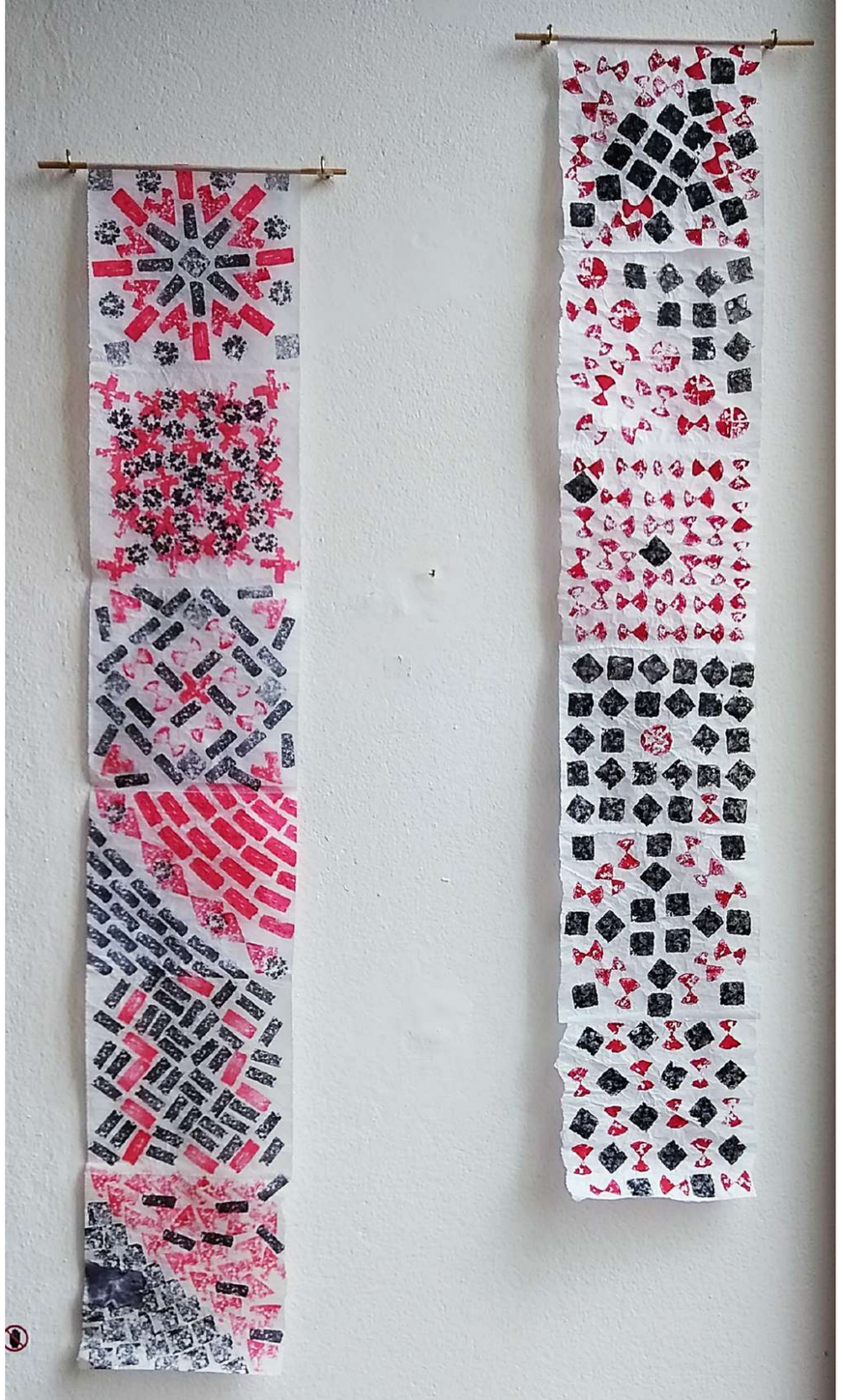
©rosa6923

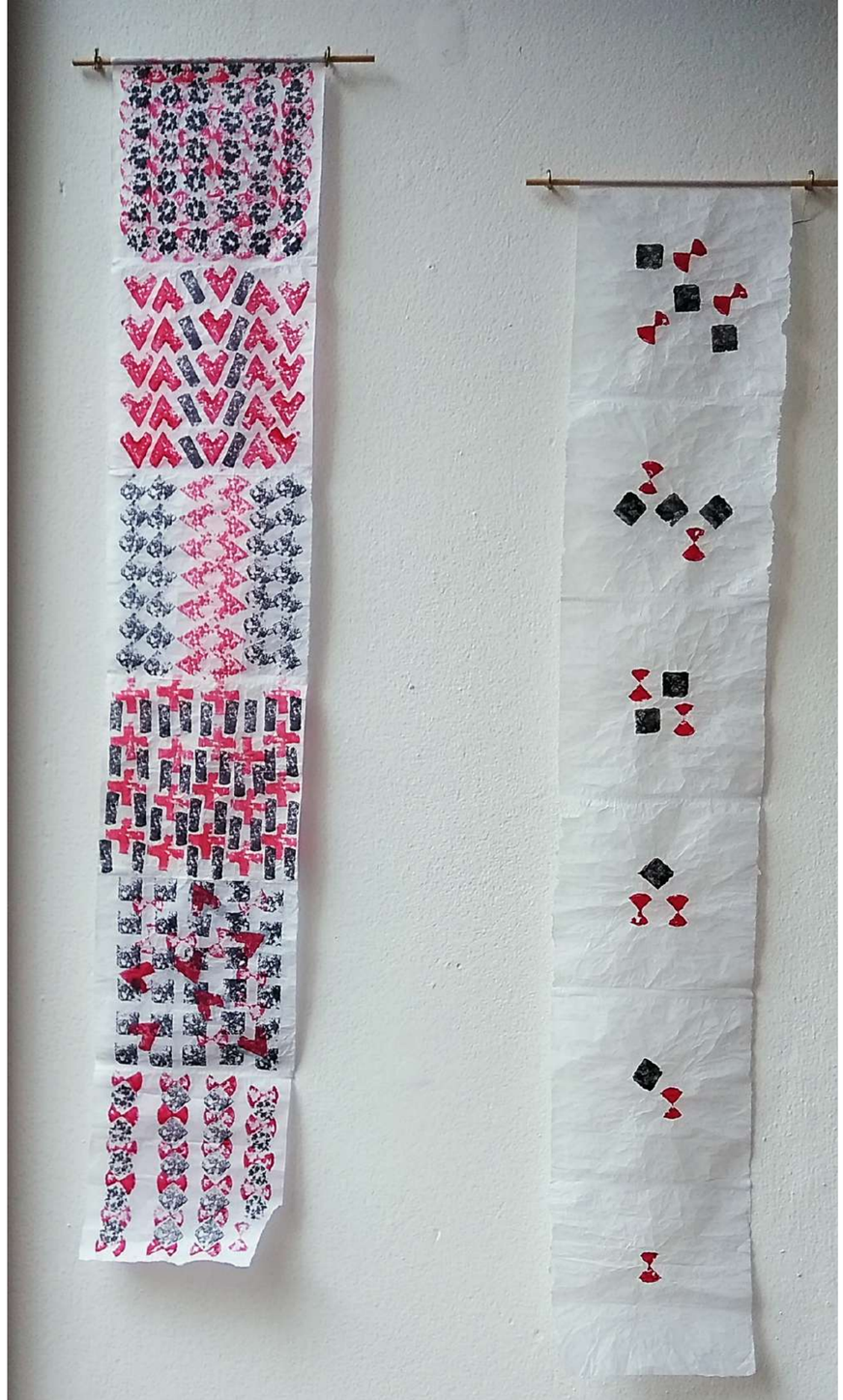
Formada em psicologia pela PUC/SP, integrante do grupo de estudos desde 2019. Busca novos caminhos de comunicação por meio de linguagens artísticas, entre elas, os livros de artista.

Postais Particulares
16 cartões de papel com impressão de carimbos
178 x 16 cm (aberto)
2020

Descartados
rolo de papel de seda com impressão de carimbo
13 x 80 cm (fechado)
2019-2020







ANDRÉA BRANCO

©andreabrancocaligrafia

A natureza, a caligrafia, a história do livro, há anos, têm sido meus temas de pesquisa e busca de caminhos de expressão. Caligrafia e natureza se encontram no Projeto Rodas.

completude - roda número 8 | Projetos Rodas
livro sanfonado
I0 x I0x 0,4 cm (fechado)
2020

alma - roda número 9 | Projetos Rodas
fotografia digital
30 x 30 cm (cada imagem)
2020

redemoinho - roda número 29 | Projetos Rodas
fotografia digital
30 x 30 cm (cada imagem)
2020

alma

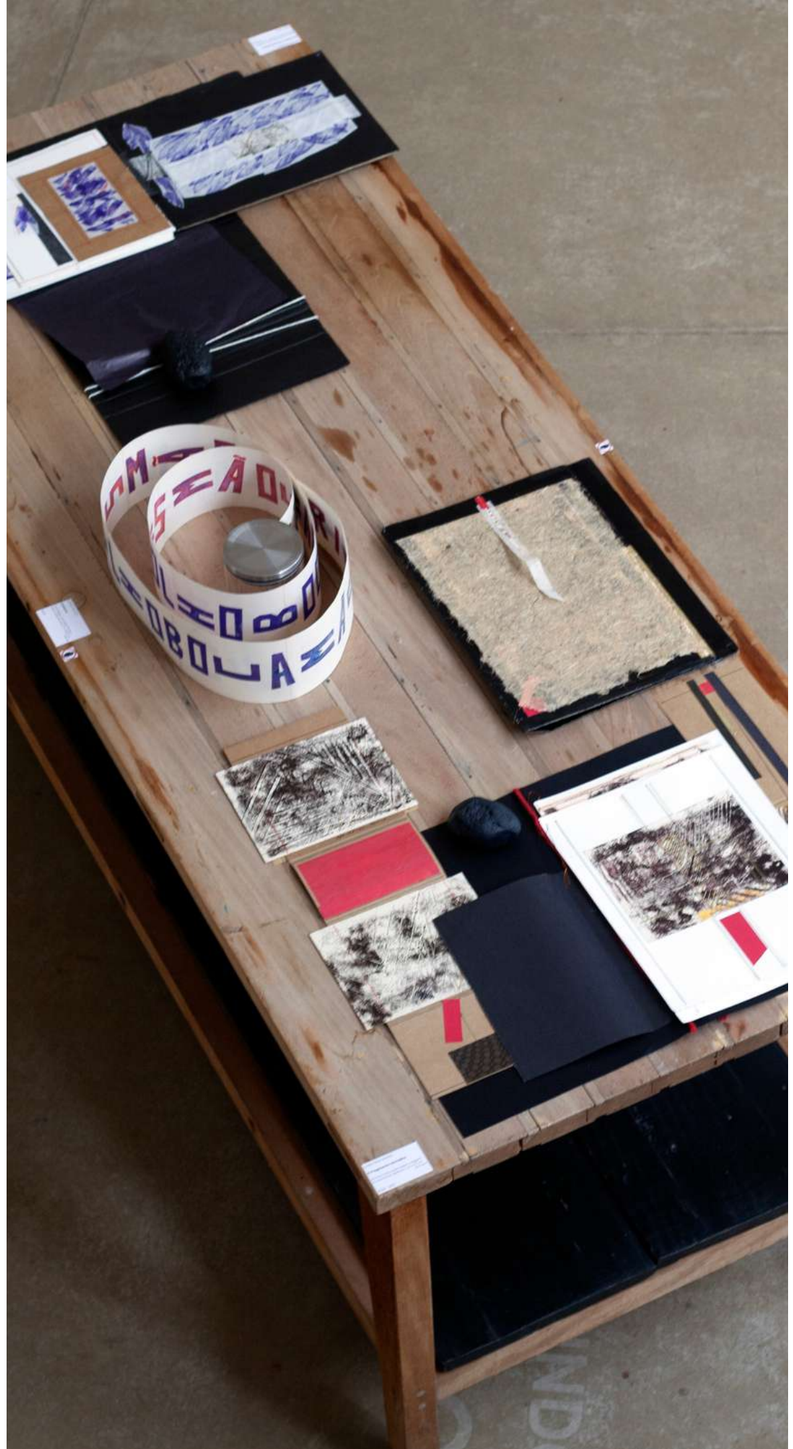
CHRISTINA PARISI

mchristinaparisi

Artista visual. Expressa-se por meiosde linguagens artísticas - pintura, desenho e gravura. Dedica-se à produção de livros de artista. Utiliza formas geométricas e orgânicas dialogando com a cidade.

O Fragmento Vermelho
técnica mista sobre papel, colagem e monotipias
40 x 27 cm (fechado)
2020 - 202I

Memórias: o fluxo do tempo
técnica mista sobre papel, colagem e carimbagem
26 x 35 cm (fechado)
2020 - 202I



O fragmento vermelho
Christina Papini
2021

CLARICE VASCONCELLOS

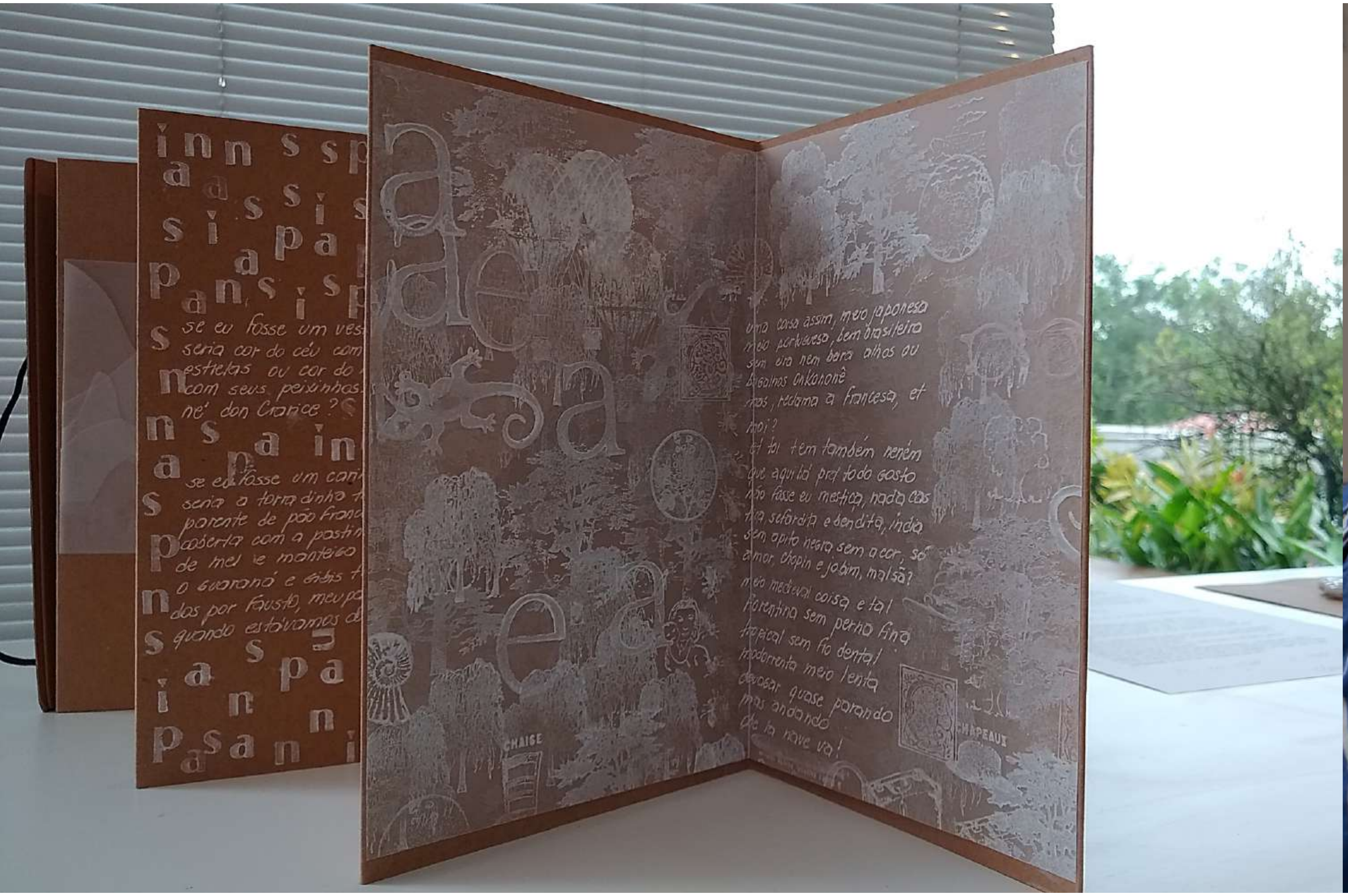
@clareia

Circula por várias poéticas e hoje sua pesquisa se volta para Livros de Horas em que fala de suas horas. Usa da escrita, de colagens, gravuras, agulha e linha.

Se eu fosse | série Cadernos Perguntatórios
caderno com escritas e carimbos em tinta branca
22 x 20 cm (fechado)
2020

Se você fosse | série Cadernos Perguntatórios
caderno com escritas e carimbos em tinta branca
22 x 20 cm (fechado)
2022

Eu sendo | série Cadernos Perguntatórios
áudio | 00:00:45 (em looping)
2020-2022


uma coisa assim, meio japonesa
meio portuguesa, bem brasileira
sem eira nem beira alhos ou
bugalhos ankononê
mas, reclama a francesa, et
moi?
et toi tem também nenén
que aqui lá pra todo gosto
não fosse eu mestiça, nada cas
sefardita e bendita, índia
sem apito negra sem a cor, só
amor, chopin e jobim, malsã?
meio medieval coisa e tal
florentina sem perna fina
tropical sem fio dental
modorrenta meio lenta
quase parando
mas andando
la nave va!
CHAISE
CHAPEAU

CRISTINA BOTTALLO

@cristinabottallostudio

Artista visual. Produz serigrafia em pequenos formatos e em séries, usando métodos diretos e indiretos de gravação de telas e impressão. Suas figuras têm caráter lúdico.

Promessa de um tempo que nunca chegou
livro sanfonado com selos, carimbos e costura
46 x 4 cm (aberto)
2020

Vem me ver | série Corpos em Movimento
I2 postais com serigrafia e carimbos sobre papel pólen II x I6,5 cm (cada postal)
2020

Entrelaçados | série Corpos em Movimento
livro sanfonado com serigrafia e carimbos
I0 x I00 cm (aberto)
2020

A dança | série Corpos em Movimento
livro rolo feito com serigrafia e carimbos
I2 x I00 cm (aberto)
2020

Eu vou e volto,
eu não fico.
Eu sou movimento.
Eu me movo
até você.
Você não está.
Ou está?
Vou ME ver
em
você.

poesia do corpo

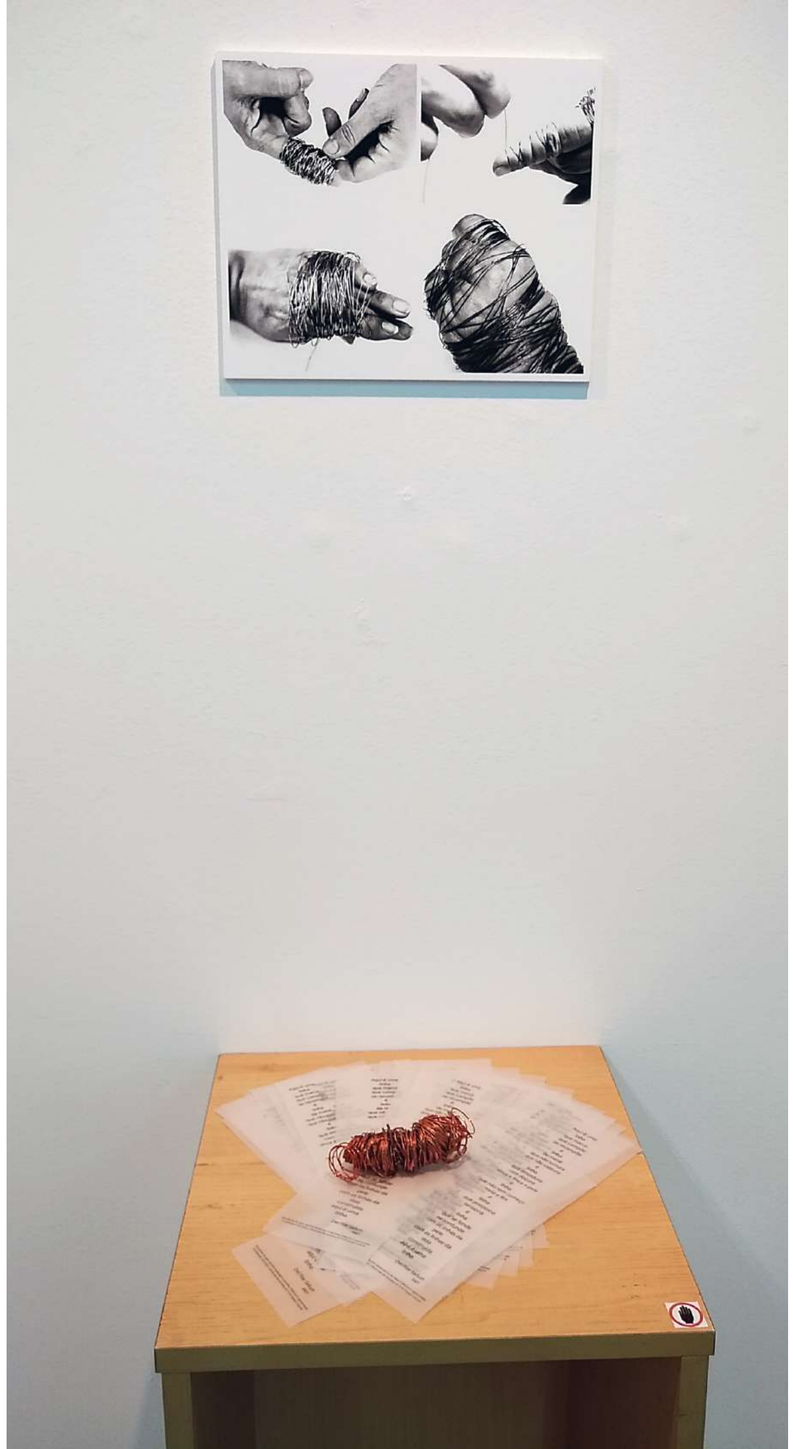
DEL PÍLAR SALLUM

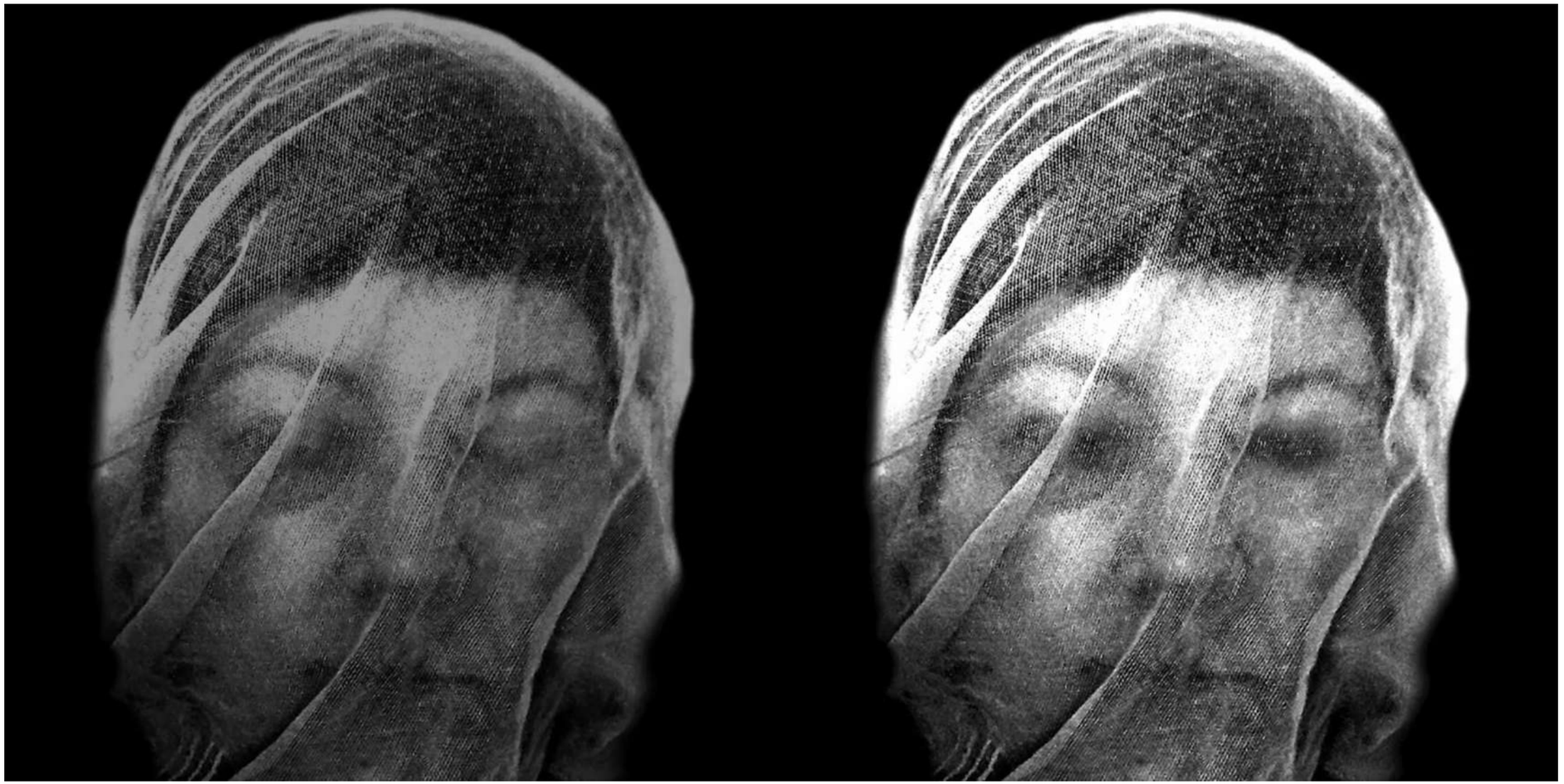
©delpilarsallum

Artista visual e pesquisadora. Atua na Arte Contemporânea em segmentos práticos e teóricos. Multimídia. Sua produção está voltada para imagem fotográfica, vídeo performance, desenho e instalação.

Série hands-aqui é uma linha
impressão sobre papel algodão, poesia em papel vegetal e peça da série jóias para não usar-Elos I, 20I2
I996-202I

um vazio me veste
vídeo
00:02:40 (looping)
2020-202I



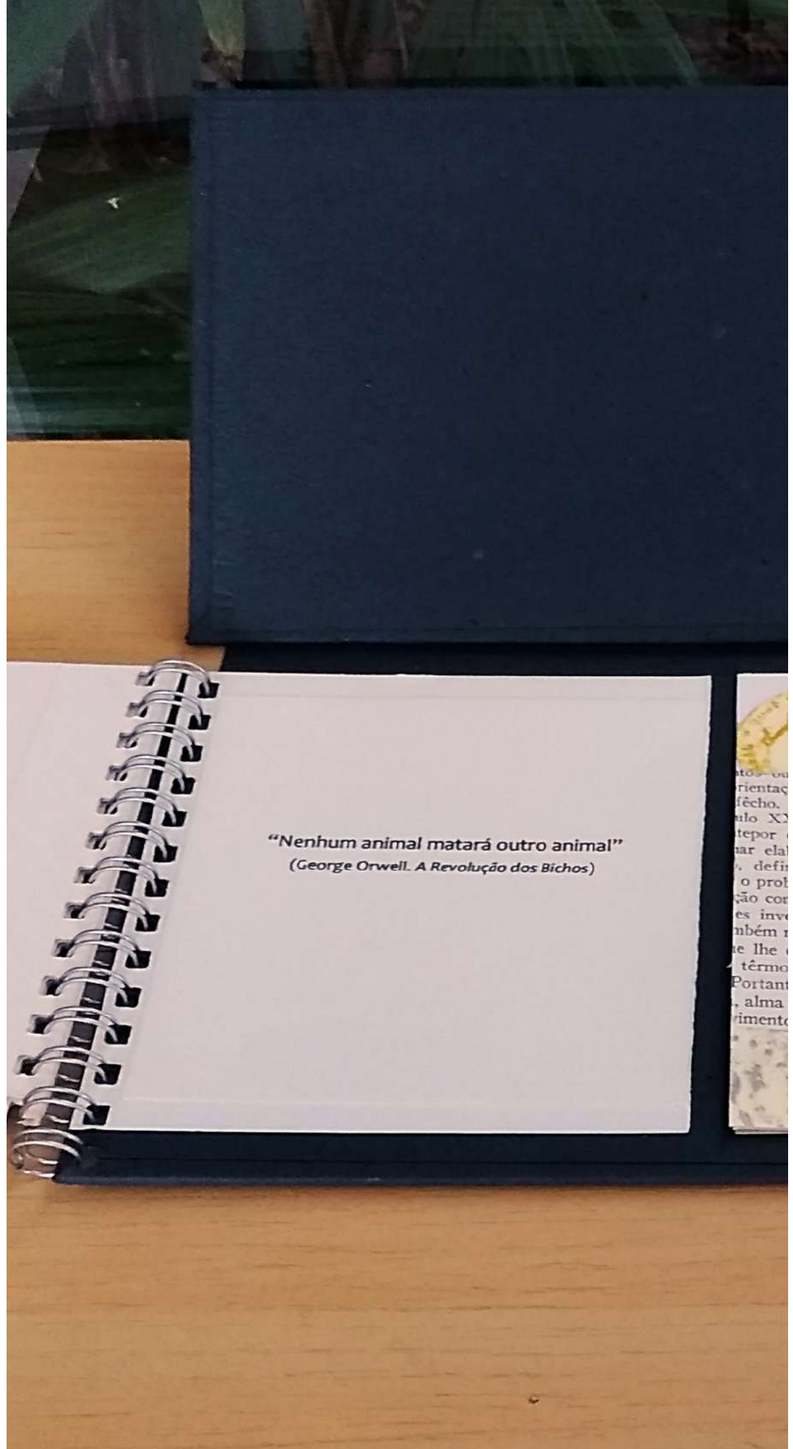


FABIOLA NOTARI

@ser.criativo.agora

Artista visual e pesquisadora. Desde 2014 coordena o grupo de estudos e em 2018 criou o Núcleo de Livros de Artista. É co-fundadora do Instituto Angelim. Organização da sociedade civil, que promove ações através da educação, arte, cultura e cidadania.

O corpo é uma biblioteca de códigos
em constante movimento
páginas de livros em forma de animais e frottage
13 x 28 x 2 cm (fechado)
2020



GISELE ASANUMA

@gisele.asanuma

Artista visual, pesquisadora das dobras da língua, investiga modos de registros de narrativas das mais diferentes espécies, na junção entre palavra e imagem: tentativas de agarrar experiências.

UTI: verbetes [SIC]
técnica mista, caixa de metal, papel e tecido
I2 x I8 x I9 cm (caixa)
20I8

#nuncapenseiqueseriataolongo
adesivo criado a partir de desenhos
desenhos (alguns): Lucas Gouvea
I0 x I200 cm (aberto)
20I9-2020

DIAGNÓSTICOS CÍNICOS: INSUFICIÊNCIA INSPIRATÓRIA
Diagnóstico é o processo de análise de que se vale o especialista ao examinar um quadro clínico, para chegar a uma conclusão. Em medicina, diagnóstico é parte da intervenção voltada à identificação de um distúrbio das funções, um desequilíbrio nos sistemas vitais, analisado a partir de sintomas, histórico clínico, exames físicos e complementares. Esta poética opera à luz de um

BREQUE
APPS
A CÉU
ABERTO
A CÉU
FECHADO
nasceram
os permanentes
mas os
PROVISÓRIOS
não os foram...

IRENE GUERREIRO

@mirenepg

Dedica-se à gravura, ao desenho, à aquarela. Desenvolve narrativas a partir de memórias da infância, juventude e maturidade, na busca de estabelecer uma ponte entre o passado e o presente.

o corpo é uma biblioteca...
orifícios maiores"
recortes de papel vegetal sobre papel cartão
I54 x I6 cm (aberto)
202I

Reze por mim
texto e fotografias digitalizadas em papel vegetal
20 x 27 cm (fechado)
202I

REZE POR MIM

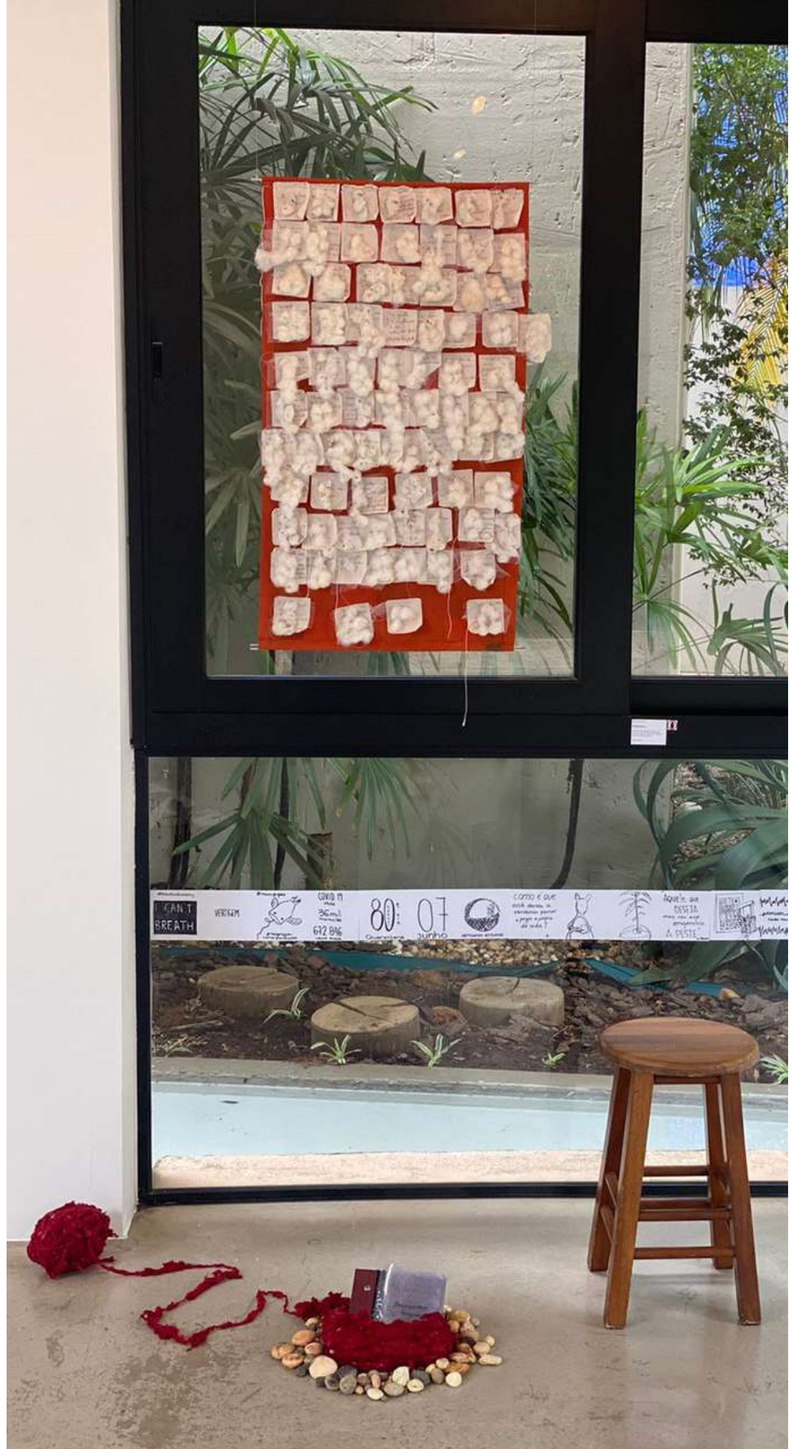
LEDA LUCAS

@lema.lux

'nasci no sertão mineiro, vivo no interior de São Paulo onde dedico boa parte do tempo ligada à literatura, à fotografia, à construção e reflexão sobre livro-de-artista, e gosto muito de escrever. cada árvore que alcanço (vi)ver é uma alegria'

animanimus

trabalho composto de livro em acetato, peça em técnica mista
e cesta de linha natural
2020-2022



Ferramentas
mágicas

LÍDICE SALGOT

@lidicesalgot

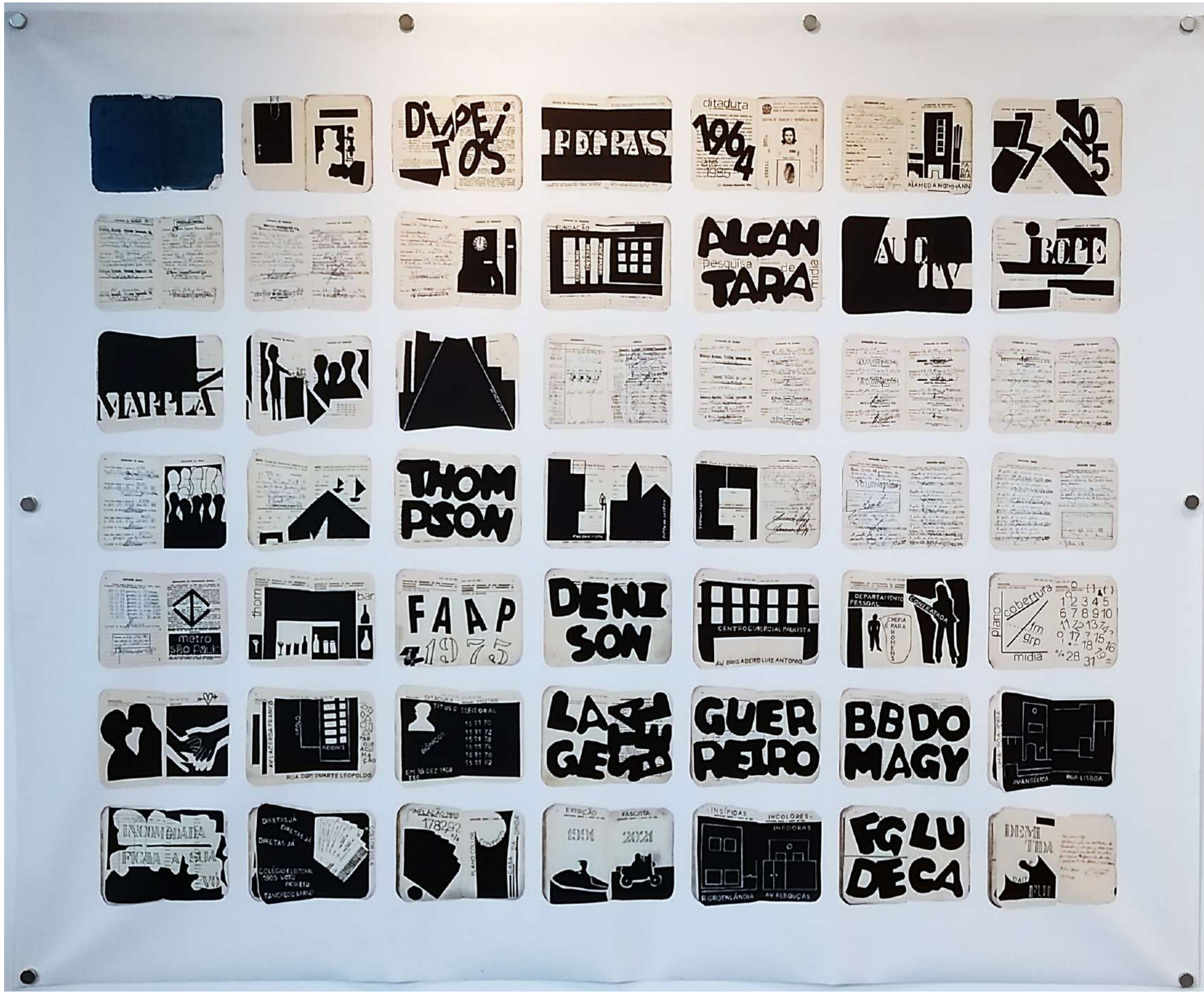
Artista visual. Gestora da Casa do Salgot espaço cultural, localizado em Piracicaba-SP (2007-2016), hoje apenas ateliê. Atualmente, sua produção parte do conceito memória e seus ecos.

Conserve
carimbagem em papel, frente e verso e pote de vidro
11 x 192,5 cm (aberto)
2020

Carteira de trabalho original
papel contact preto, régua normógrafo e gabaritos
13,5 x 9 cm (fechado)
2020-2022

Era uma vez…
impressão em canvas de algodão
fotografias e tratamento: Priscila Bellotti
131 x 160 cm (aberto)
2020 - 2022

ditadura
A CARTEIRA PROFISSIONAL
1964
até
1985
(a) Alexandre Marcondes Filho
MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL
DEPARTAMENTO NACIONAL DE MÃO-DE-OBRA
DIVISÃO DE IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO PROFISSIONAL
CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL
Polegar Direito
ASSINATURA DO PORTADOR
059212



ditadura
1964
até
1985
THOM
PSON
ALCAN
TARA
pesquisa de mídia
FAAP
1975
DENI
SON
CENTRO COMERCIAL PAULISTA
AV BRIGADEIRO LUIS ANTONIO
GUER
REIRO
BBDO
MAGY
RUA DOM DUARTE LEOPOLDO
RUA LISBOA
AV. REBOUÇAS

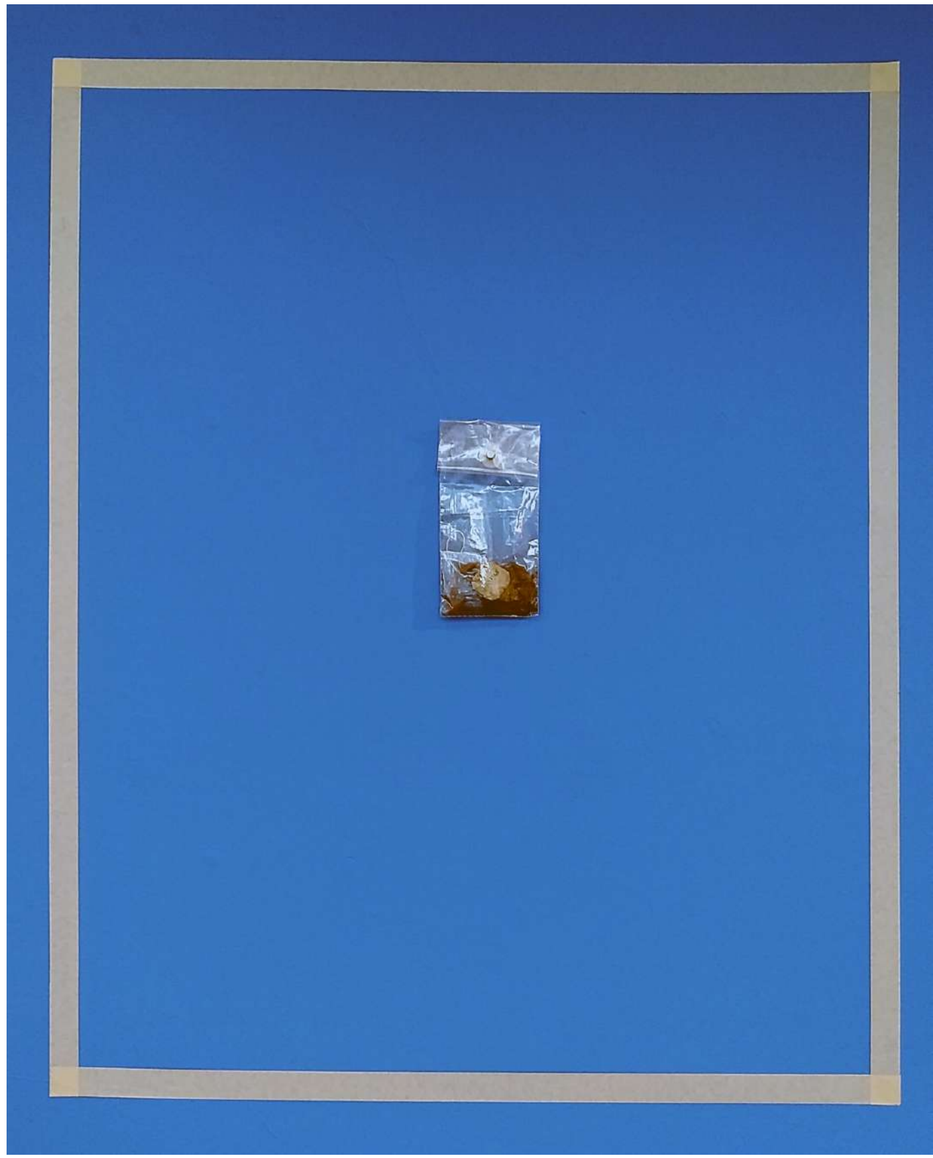
LUCIMAR BELLO

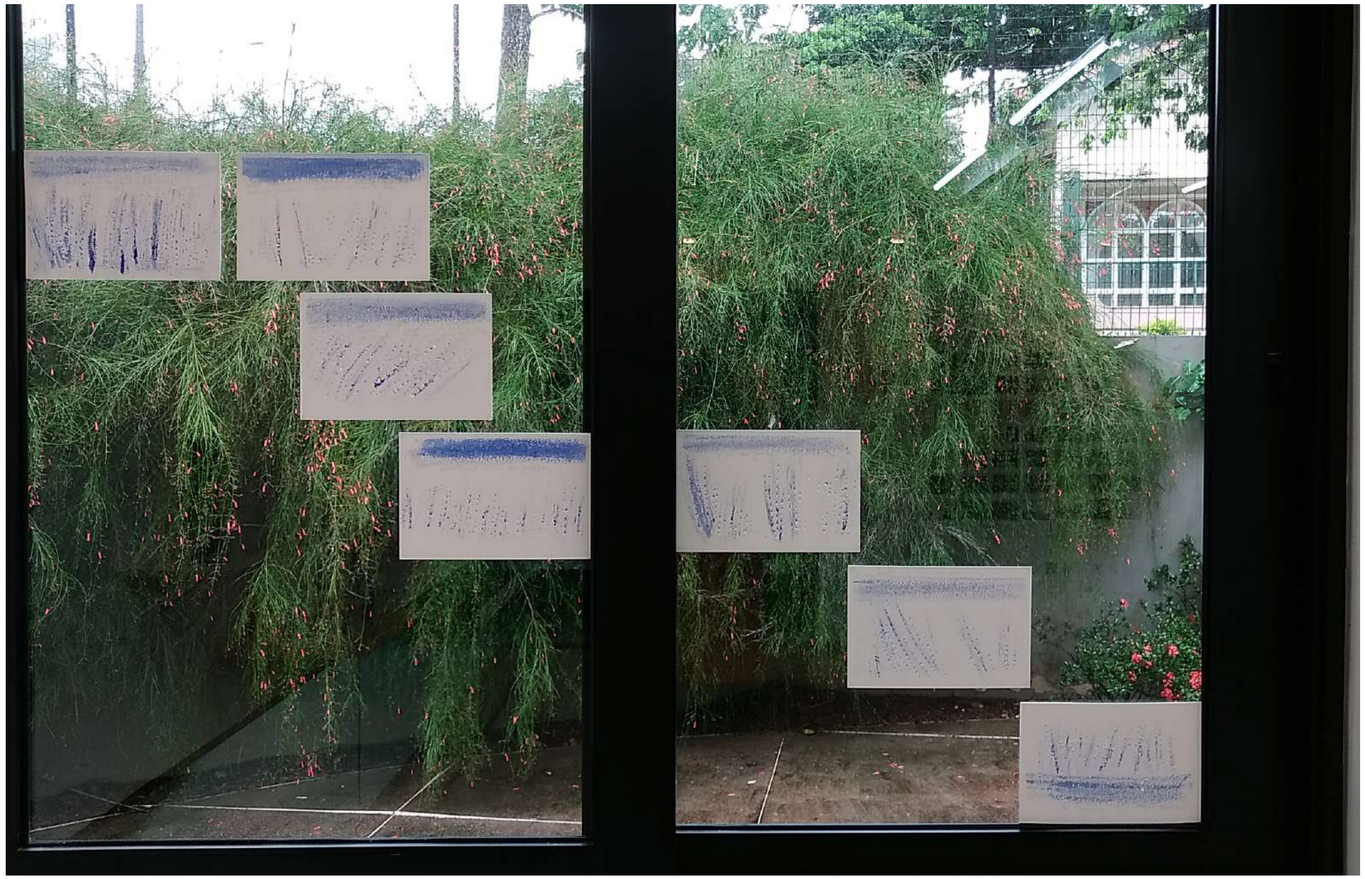
@lucimarbellofrange

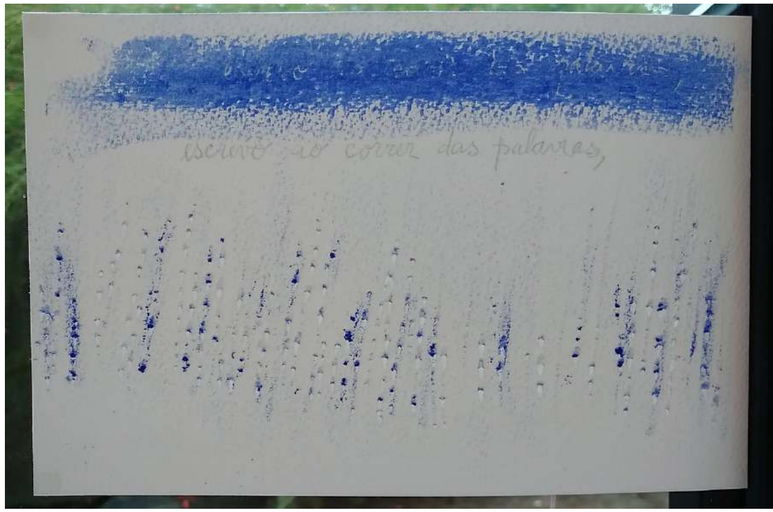
Artista visual, escritora e pesquisadora. Participou de exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Pós Doutora em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. Pós Doutora no Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC-SP.

I6 de março
saco de chá aprisionada em saco plástico
I6 x 8,5 x 0,8 cm (objeto)
2020

SETE cartas para manter o céu em pé
desenhos em papel, anil e grafite 20H
26 x I6 cm (cada desenho)
Vidro com 7 caixas de anil Imperial Colman
20 x 9 cm (recipiente)
202I - 2022






escrever ao correr das palavras,

LUIZ MAIA

©gonzagamaia

A cultura da infância seu principal instrumento artístico. Cursou Artes Visuais na UNESP, onde criou o coletivo 'Semeador - por um urbanismo imaginário' e o 'Pé-de-breque brinquedos ambulantes'.

Ca-ran-gue-jo
livro a partir de lambe de guache
encadernação: Fabiola Notari
I4,5 x I7,5 x 7,5 cm (fechado)
2020-2022

MAÍRA CARVALHO

@mairavcarvalho

Artista visual e escritora. Passou uma temporada estudando Arts Plastiques et Sciences d`Art na Sorbonne (Paris) em 2019. Produz com aquarela, pastel seco e papel artesanal de fibra de bananeira.

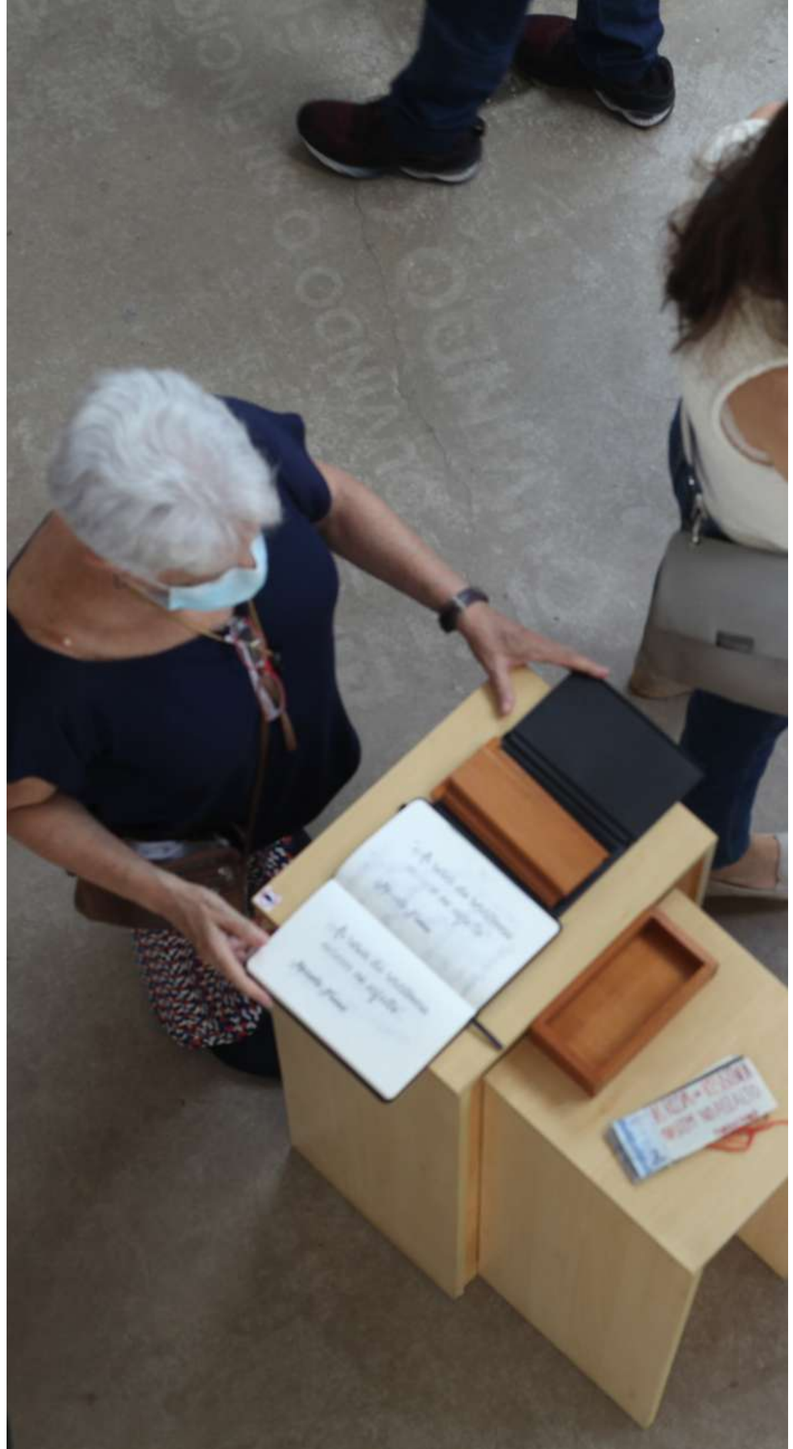
Laços | Cura | Caminhos
desenhos em lápis sanguínea e costuras de linhas sobre papel de fibra de bananeira
21 x 29,5 cm (cada)
2020

MARGARIDA HOLLER

@margaridaholler

Artista, professora e pesquisadora. Atuou na coordenação de cursos para qualificação de professores na Secretaria de Educação de Jacareí-SP. Em sua pesquisa artística, parte da célula.

Apaga dor
livro sanfonado com cédulas de R$ 2 com bordados e colagens
I4, 5 x 6,5 x I,5 cm (fechado)
caixa com livro de artista de cédulas
I6,5 x 6,5 x I cm (fechado)
202I - 2022



REPÚBLICA
2010
2
REAIS
AS ROSAS DA RESISTÊNCIA
NASCEM NO ASFALTO
MARIELLE FRANCO

MARILDE STROPP

@marilde.stropp

Sua produção beira o limite entre fotografia e objeto, desenvolvendo obras híbridas que fundem linguagens como fotografia, desenho e gravura em suportes como chumbo, papel, tecido e outros.

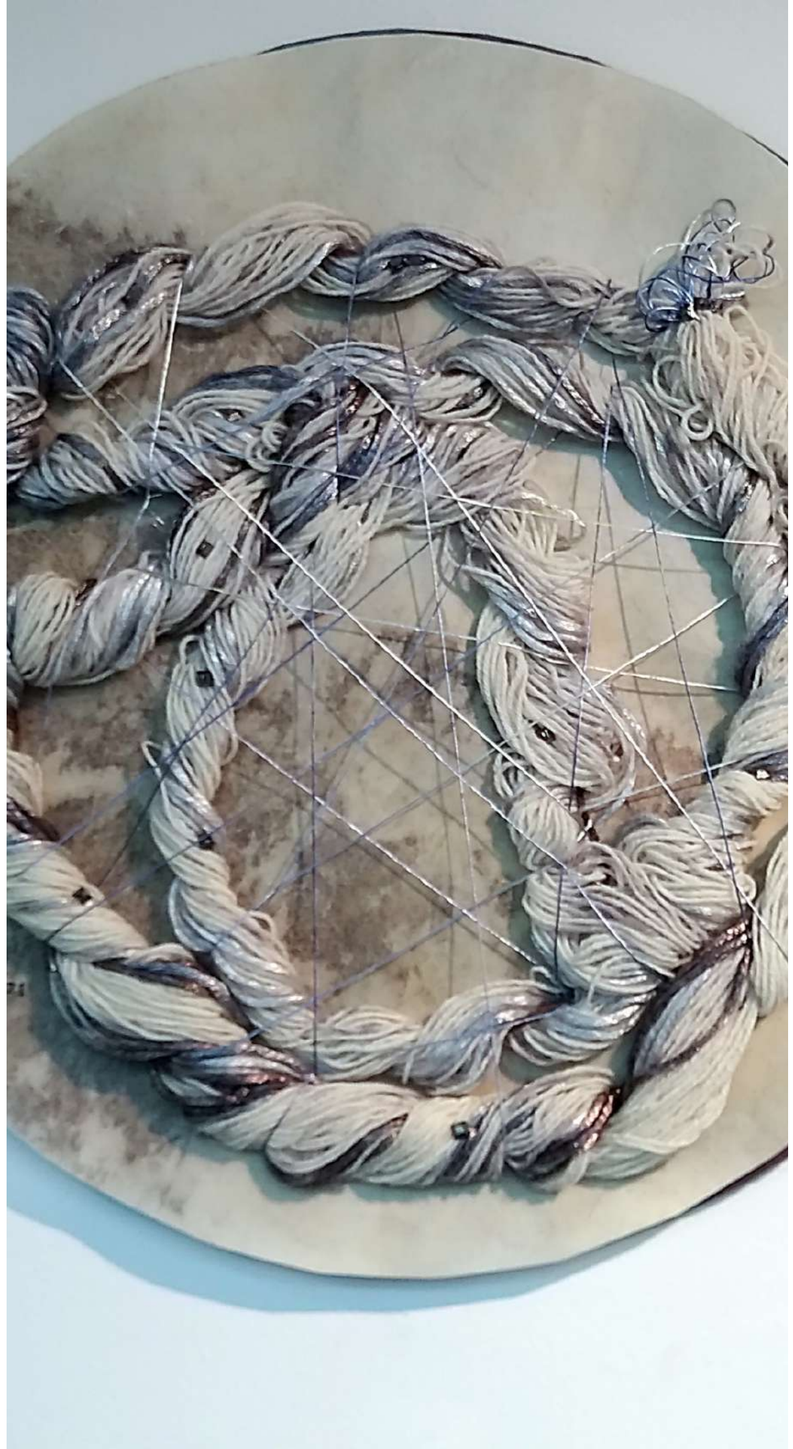
pedaço sólido de [in]infinto
livros de chumbo sob/sobre água e pedra
27 x 30 cm (cada)
2020-2022

MARISA GARCIA DE SOUZA

@marisagsouza

Andei, daqui p'ralí pelo mundo, sempre seguindo as fontes do meu ofício: encadernação. Fui feliz nas escolhas que me levaram a conhecer o livro de artista! Aprendi a me soltar dos dogmas do ofício e hoje bordo, pinto, desenho e esculpo.

Os Quatro Elementos composto de quatro capítulos:
FOGO - TERRA - ÁGUA - AR
pergaminho de cabra, bordado e papel Moinho Brasil
45 cm de diâmetro (cada)
202I

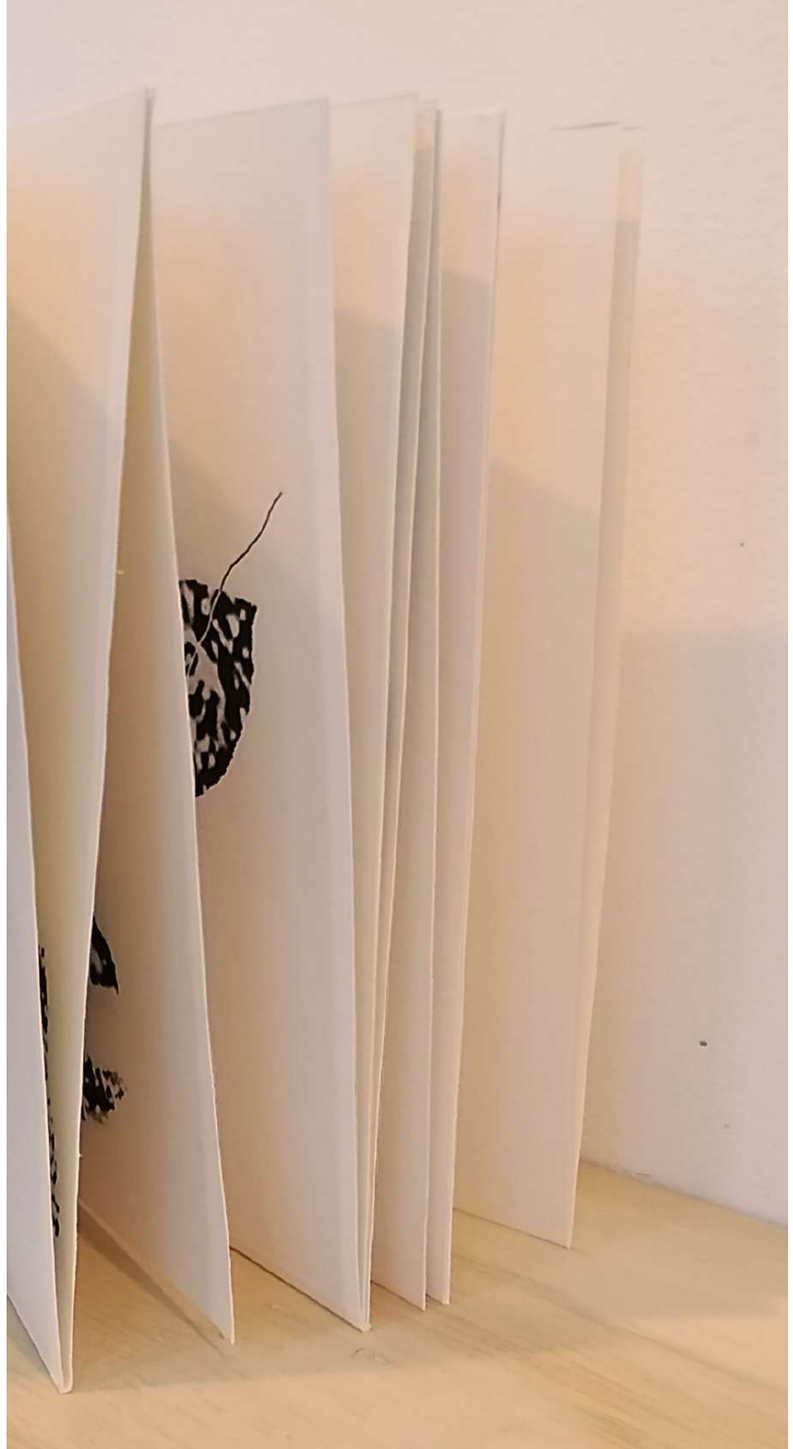


NORMA VIEIRA

@normavieira

Artista visual com exposições e atividades artísticas no Brasil e no exterior. Em 2003 criou o TOTE Espaço Cultural. Faz parte do grupo coordenado por Fabiana Bruno.

Arqueografia - Tilcara
impressão sobre papel Bamboo Hahnemühle
2I x 2I x I,5 cm (fechado)
20I9-2020



NORMA VIEIRA
eografia - Tilcara
mbre papel Bamboo
11 x 21 x 1,5 cm
(fechado)

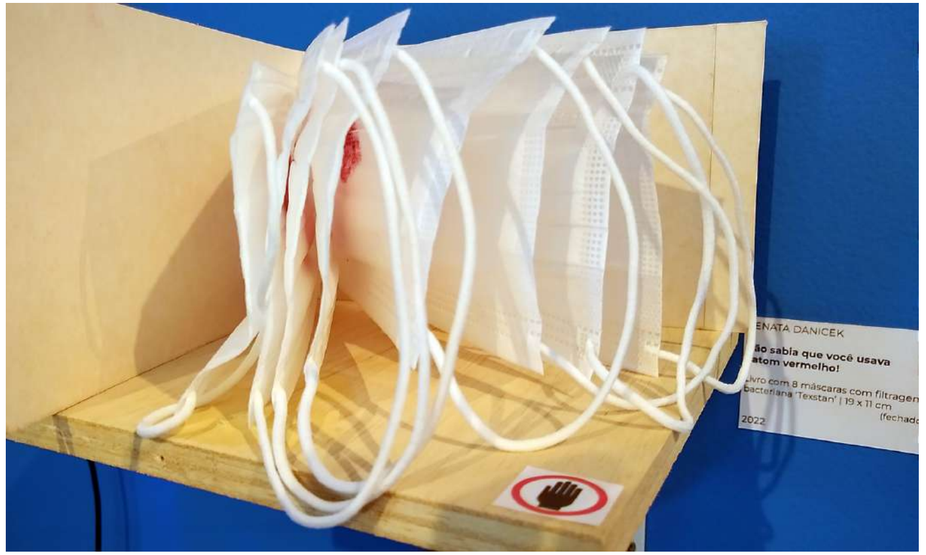
RENATA DANICEK

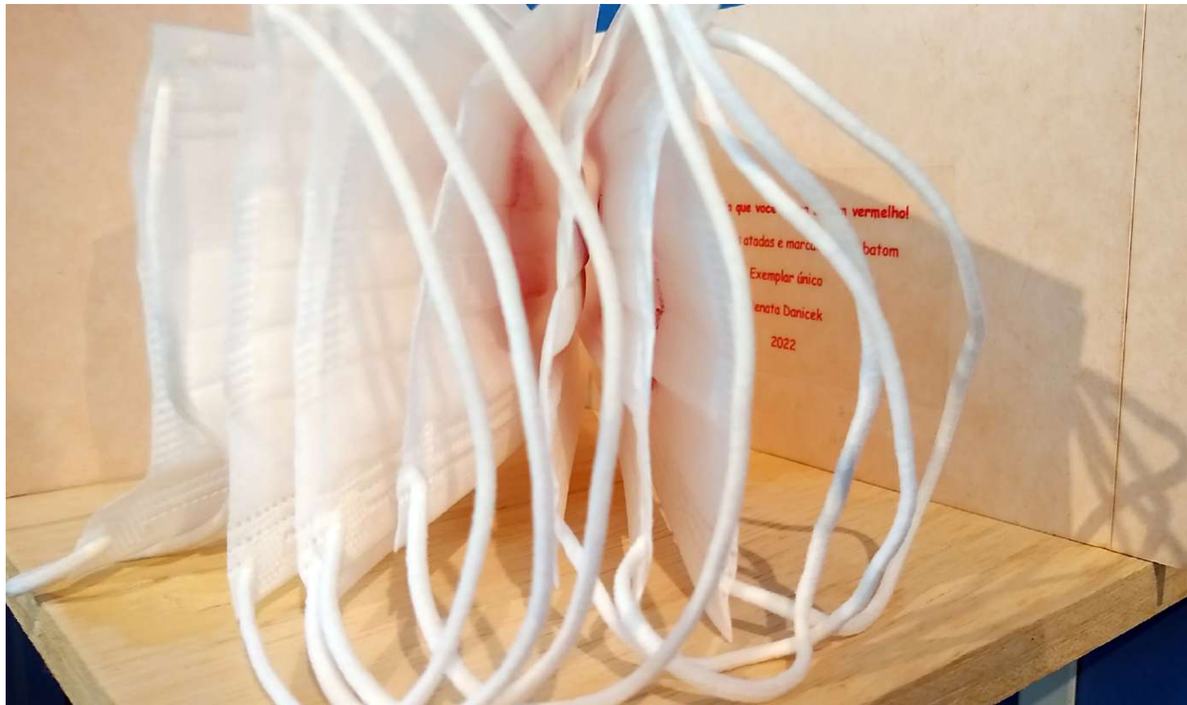
@danicekrenata

Artista visual. Desenvolve pesquisa artística sobre diversos suportes. Trabalha a arte como um movimento de fragmentar e unir. Utiliza-se de coleções próprias para produzir novas composições.

O que eles estão dizendo?
36 fotografias inseridas em porta retrato digital
(looping)
2021-2022

Não sabia que você usava batom vermelho!
livro com 8 máscaras com filtragem bacteriana 'Texstan'
19 x 11 cm (fechado)
2022


ENATA DANICEK
ão sabia que você usava
batom vermelho!
ivro com 8 máscaras com filtragem
bacteriana "Texstan" | 19 x 11 cm
2022


vermelho!
batom
Exemplar único
enata Danicek
2022

SANDRA LOPES

@sandramjlopes

Artista visual. Pesquisa questões sobre o consumo, o acúmulo e a transitoriedade. Participou de diversas exposições no Brasil e no exterior. Suas principais linguagens são pintura e colagem.

O corpo é uma biblioteca de códigos
em constante movimento
livro composto de pinturas em acrílica sobre papel
I2 x 9 x 2 cm (fechado)
2020

Como transpondo a agulha para um propósito
de bordar o visível_invisível
livro composto de bordados e colagens
I6 x I2 cm (fechado)
2020

Experiência Audiovisual

2020-2022 o século que não terminou

Local

Youtube

Captação e Edição

David Vidad

Trilha sonora

Claude Debussy (I862 – I9I8). Violin Sonata.

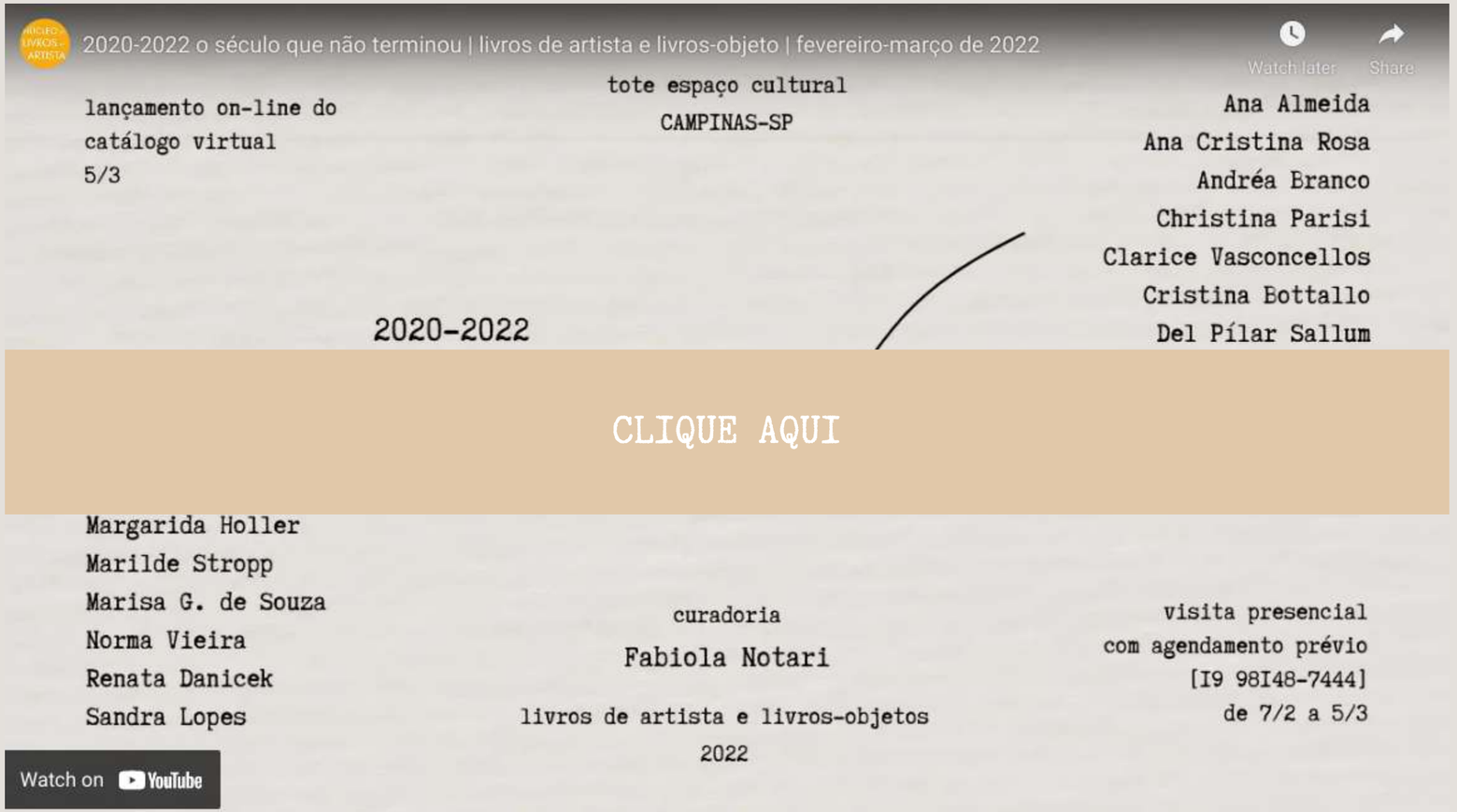
Performance de Angelo Xiang Yu no violino e Dina Vainshtein no piano

Copyright Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 4.0

Claude Debussy (I862 – I9I8). Suite Begamasque.

Performance de Gerluz no piano

Copyright Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0


2020-2022 o século que não terminou | livros de artista e livros-objeto | fevereiro-março de 2022
Watch later
Share
lançamento on-line do
catálogo virtual
5/3
tote espaço cultural
CAMPINAS-SP
Ana Almeida
Ana Cristina Rosa
Andréa Branco
Christina Parisi
Clarice Vasconcellos
Cristina Bottallo
Del Pílar Sallum
2020-2022
CLIQUE AQUI
Margarida Holler
Marilde Stropp
Marisa G. de Souza
Norma Vieira
Renata Danicek
Sandra Lopes
curadoria
Fabiola Notari
livros de artista e livros-objetos
2022
visita presencial
com agendamento prévio
[I9 98I48-7444]
de 7/2 a 5/3
Watch on YouTube

quando a querida amiga Fabiola Notari me convidou a visitar virtualmente a exposição '2020-2022 o século que não terminou', confesso que não sabia exatamente como reagir. uma experiência no mínimo inusitada, já que a exposição apresenta vários livros de artista que, a princípio, precisam ser manuseados, abertos, lidos e revirados para que façam sentido. será que eu conseguiria entender a expografia? as obras? ficaria no final com uma sensação de incompletude, por toda a distância física que me separa do objeto artístico? apesar do receio, usamos as ferramentas que temos: nesse momento, uma tela de um computador e um celular conectados à internet. e assim começamos.

LIVRO DE ARTISTA

penso que livro de artista é um grande apanhado de processos. ou de técnicas. ou de anotações que parecem não fazer muito sentido para quem vê de fora. ou de estudos. cheio de fluxo de pensamento, de evolução de ideias, que pode ser produzido em horas, dias, anos. quando pensei em escrever esse texto, me pareceu natural seguir a mesma linha: fazer uma sequência de notas sobre uma exposição que visito à distância, por meio de uma tela luminosa, tentando colocar em ordem sentimentos e impressões a respeito. talvez eu consiga fazer algo com isso. talvez falhe miseravelmente. em todo caso, agradeço pela companhia nesse passeio.

REFERÊNCIAS

algumas anotações úteis para visitar a exposição: assisti a três aulas de Fabiola sobre livro de artista. as falas abaixo são dela, não minhas. ou talvez tenham pensamentos meus também no meio, não tenho certeza.

notas do que é importante não esquecer.

um caderno de estudos pode virar um livro de artista. pode ser um caderno de processos. pode ser uma publicação. pode ter tiragem, pode não ter. quem decide é o artista. o livro pode ser lido como uma voz em off numa instalação. a especulação do mercado de arte valoriza o livro de artista como produto final e não pelo processo em si. sempre essa questão de dar um preço a um objeto. esvaziamento da função?

existe arte pela arte? como é possível a arte se isentar de qualquer discurso que seja? se ela está isenta, já constrói um discurso: aquele de quem não se posiciona.

o livro pode se encontrar entre escultura, pintura, instalação, objeto. pode ter textura, cheiro, peso, cor, impressão nas páginas. é preciso entrar em um livro, fisicamente, para conseguir lê-lo? é preciso performar para virar uma página? qual o tamanho de um livro?

quando se fala em livro de artista a partir dos anos 60, essa questão de romper com a aura, da qual fala benjamin, sempre vem à tona. há uma necessidade de sair do cubo branco. esse desejo é muito comum nas obras da época: instalação, performance, intervenção urbana, livros de artista. os anos 60 e a vontade de diferenciar a obra da galeria de um livro. qual o valor da obra de arte? onde esse valor se encontra hoje? é no objeto? é no conceito? é no processo?

o meio JÁ É a mensagem. um livro eletrônico de artista. e como será que é entrar em uma instalação imersiva de um livro? o livro não é fixo: pode ser um rolo, uma sanfona, uma pilha de papel. cruza o universo literário e o artístico. pode ser um livro de editora, feito com papel pólen, capa costurada, com múltiplos. pode ser uma obra única. a intenção inicial acaba sendo a de organizar o pensamento de uma forma que vire um discurso.

intermedia / interdisciplinar. as duas palavras não são equivalentes.

quem decide o que é obra é o artista.
quem decide onde começa e onde termina é o artista.
quem decide se é livro, se é pintura, se é desenho é o artista.
quem decide o formato é o artista.
quem legitima é o público, o curador, o crítico, o mecenas, o comprador, o mercado de arte.
e o artista?

O PASSEIO

angústia, falta de informação, carimbos de EVA. repetições. nariz, boca, mão, olhos. pela repetição a gente aprende. I964. repetições.

quadrados pretos e formas geométricas em todos os lugares, página após página. vanguarda russa. que ironia pensar nisso nesse momento. que tristeza. carteira de trabalho toda escrita. um objeto tão pequeno carrega a sua vida toda. por que ainda temos isso? século XX. somos apenas operários de um sistema capitalista que mói diariamente as pessoas. um documento que garante os nossos direitos e que foi criado por um fascista - a ironia da história. eu sempre achei que era mais uma prisão do que uma forma de autonomia. mas é uma lembrança de quem você foi como operário. de quem é hoje. do que te fez, de certa forma ser quem é hoje. lembranças.

uma colcha feita pela mãe. um objeto de valor inestimável de alguém que já partiu. coleção de frases e citações que foram se acumulando durante muito tempo, anos e anos. como nascem as memórias? uma bandeira refeita usando giz. no verso, tanta coisa a ser dita. o papel transparente não ajuda a ler as páginas. folhas de acetato, um livro transparente que nos conta narrativas que se sobrepõem.

as muitas histórias que foram interrompidas precocemente. as rosas da resistência nascem do asfalto. vidas perdidas, silenciadas. marielle vive. uma caixa de apagador: um caderno em branco. não tem giz na caixa, mas o livro de artista. um apagador que não apaga nada, porque é um carimbo.

livro sanfonado, acordeão vertical. série rodas: recolhe folhas e sementes em 2020. cria formas circulares, mandalas. uma maneira de se encontrar como artista, mas não era uma intenção inicial. o que isso te faz lembrar? fotolivro. fotolivro sempre me faz pensar no tarkovski e seus instantâneos. vagens. me lembram de quando eu era criança e ia andando de casa até a pré-escola sacudindo uma planta que tinha esse mesmo formato, fazendo um chocalho natural. redemoinhos: achei que fossem sinais gráficos da língua árabe. por que essa escolha? foi intencional? parecem mandalas. mandalas nos ajudam a entrar em estado meditativo, a nos conectar com o nosso eu, são objetos de silêncio e de cura. por que fazer mandalas sem um centro? parece até fruto da paineira. é uma coroa. é uma coroa? um colar de pérolas de figos. mandalas. o tempo é o que temos de mais sagrado.

sempre foi presenteada com terços. texto e fotografias digitalizadas. portais com páginas soltas. o corpo é uma biblioteca de códigos. não toque seu rosto. não leve a mão aos olhos, ao nariz. não se toque, é perigoso. não ter autoconsciência é perigoso. você precisa prestar atenção no que faz. em cada gesto, em cada movimento. em tempos sombrios, não é possível viver sem refletir sobre os mínimos detalhes.

é como se fosse um tecido. como se fosse a própria pele. maleável, dobrável, para refazer os desenhos. um livro de borracha. desenhos em caneta preta permanente. angústia. a textura mole causa aflição, dizem. um longo tecido rosa tatuado com desenhos que se encaixam. a pele é nosso contato com o mundo. é como sentimos frio, dor. os braços arrepiados. as mãos suando. foi nossa mediadora para sentir os efeitos da pandemia. envelhecemos décadas nesses dois anos, segundo os cientistas. deve ser verdade. agora eu tenho cabelos brancos.

nossa memória é a única forma de resistir ao tempo e continuar vivo, pela memória do outro. boltanksi fala isso naquela entrevista para o obrist. com tudo que tem acontecido no mundo, talvez algumas pessoas não resistam ao tempo. talvez algumas imagens não sejam lembradas por ninguém. dois anos de covid. finalmente quando a gente sai dessa crise, a rússia invade a ucrânia. a década começou e só temos vários eventos carregados de tristeza.

I2 members of Russia's UN mission expelled from US. meu deus. o mundo não procura mais diplomacia, mas derramar sangue. quem ganha com uma guerra assim? quem ganha com um mundo assim? as cenas nos jornais são desesperadoras. dor, destruição, desespero.

fragmento vermelho. dois livros. fragmentos, gravuras. boa parte feita de embalagens. pandemia. muita coisa comprada, muito tempo em casa. quanto lixo produzimos nesses dois anos? quantos pedidos de aplicativos? quanto isopor para embalar nossa comida? quanto plástico? quanto disso reutilizamos? quanto reciclamos?

como transpondo a agulha para um propósito de bordar o visível e o invisível? muitas páginas transparentes. postais em uma sanfona colorida. fragmentos de paisagem. pintora, imagens abstratas, observação da natureza, fragmentos de objetos descartados.

saquinhos de chá de I6/03/2020. narrativa do tempo. o chá deixa o estado líquido e petrifica. a ação do tempo sobre as coisas é sempre algo que assusta. como um saquinho de chá me faz pensar na morte? sam taylor wood. still life, 200I. e essa área isolada, que peculiar: “não toque, é arte”. damien hirst poderia fazer coisas muito mais simples. fiquei horrorizada quando entrei naquela obra da vaca. a vaca em duas metades e eu no meio. memento mori: vamos todos morrer um dia. o saquinho de chá nos lembra disso.

criação de uma narrativa. obra de selos costurados em formato de sanfona.

postais costurados. uma cortina ou móbile de postais. padrões que podem estar mandando uma mensagem criptografada. a gente não reconhece o código, mas tem triângulos e círculos. the arrival, o ritmo da escrita. papéis de seda. formato de rolo. parece um torah.

postais. serigrafia. um trabalho experimental. sobreposição de formas e escritas. máquina de escrever. imagens e palavras para passar a mensagem. livro de dobra e corte. livro de rolo. o helicóptero do duke lee. o livro de artista é mesmo uma obra de arte pensada para publicação?

me lembrei da feira do livro de são paulo de 2002, a ocasião foi também a primeira vez que fui a uma bienal. será que foi porque eu nunca tinha visto uma exposição tão grande? será que foi porque essa foi a primeira vez que vi o grupo rex em exposição? será que foi porque foi a primeira vez que fui em uma feira do livro? o livro de artista não é um suporte neutro: a forma dialoga. mas alguma obra de arte pode ser neutra?

amarração. é fotografia, mas parece que a gente pode até tocar o fio de cobre. tecendo as palavras. tecendo os objetos. a linha sufocando a circulação, deixando o sangue estocado nas mãos, feito os pobres pombos de florianópolis, que viviam com os pés amputados por se prenderem a fios aleatórios pela cidade e nunca conseguirem se desamarrar. será que somos como pombos, nos prendendo a tudo que não nos deixa respirar?

um bicho vivo no papel. panfletos. imagens que se encaixam.

um lambe pintado com guache e que virou um livro. eu não conseguiria nem abrir esse livro, que dirá fechar de volta. parece o jogo da cobrinha do antigo nokia, caracóis para esquerda e para a direita. e esse caranguejo. meu deus, os caranguejos estão ameaçados de extinção? eu nem como caranguejo.

um vazio me veste. um vídeo sobre mulheres que perderam seus entes na pandemia. a covid levou tanta gente da gente. que dor pensar nisso. já faz dois anos que tudo começou, mas isso ainda me abala. algumas pessoas conseguem levar a vida normal. como? um cenário de guerra biológica de filme de ficção científica e ouvimos de quem supostamente deveria ser nosso governante um “e daí? não sou coveiro”. tanta gente concorda com ele. parece que não existe mais empatia. parece que nossa natureza é realmente deprimente. será verdade? ou será que rutger bregman está certo quando diz que nos fizeram acreditar que somos assim? repetições atrás de repetições. ainda não li esse livro dele, mas preciso. tanta gente morreu. precisamos lembrar dessas pessoas sempre, guardar na memória. a voz, o sorriso, a cor dos olhos. a entonação ao falar. com o tempo, a imagem vai se apagando, como se tivéssemos esquecido uma polaroid em cima de uma mesa por anos. como chamava mesmo aquela obra? oscar muñoz, aquela obra em que a imagem do artista é refletida na mão cheia de água e vai se esvaindo, feito a nossa memória.

uma colcha de retalhos. bandeira com uma colcha refeita em giz. essa é a parte de trás, vista pelo vidro. vemos as pessoas dentro da galeria. elas usam máscaras.

como os olhos falam: os olhos entregam tudo. eu não consigo nem disfarçar quando algo não me agrada. será que eu deveria raspar as sobrancelhas? nosso contato com o outro agora se faz pelo olhar. talvez tenhamos nos tornado mais compreensivos, tendo sido limitados a uma faixa de rosto que nos diz tudo. maquiagens pela metade, como os jornalistas que usavam paletós e short com chinela de dedo. rímel e delineador, nada mais. nunca mais usei batom. talvez ela tenha mandado beijos para vários desconhecidos na rua e ninguém nem percebeu, daí as marcas nas máscaras. talvez a gente devesse mandar beijos pra desconhecidos na rua, enviar um pouco de amor não faz mal a ninguém. passar um batom vermelho, colocar a máscara e mandar beijos pela cidade.

bordados em uma linha vermelha: beksinski. papel de fibra de bananeira. parece uma artéria interrompida dando uma vida meio descontinuada a cada uma das imagens que compõem a obra. é preciso sobreviver a esses tempos. mas como manter a leveza?

folhas de chumbo. e eu pensei que fosse apenas papel carbono sob a chuva. chumbo no espelho da água. quem consegue manter a leveza nesses anos? parece que o mundo está acabando, dois anos de pandemia e uma ameaça de guerra nuclear.

será que o chumbo contamina? pintei meu cabelo de preto por anos e absorvi acetato de chumbo. fiz tanta coisa com meu cabelo quando era mais jovem que uma vez ele caiu inteiro e fui obrigada a fazer um moicano. pelo menos não queimou o couro cabeludo.

caixa de primeiros socorros. divisores e marcadores de arquivos. uma vida de terapeuta ocupacional em UTI e seus verbetes. como será que uma pessoa que trabalha tanto tempo num lugar assim fica? o que será que muda na nossa percepção da vida? precisa tempo para leitura. de texto, de imagens, de tudo. conversa com o filho por uma faixa. cria uma timeline do confinamento em todo o espaço expositivo.

minha time-line teria yoga, cursos de ilustração, competição de desenho com os amigos em aplicativos que, mais tarde, descobrimos que roubavam os nossos dados. teria meus cachorros, meus gatos. saudade dos meus bichos. eu tentando desesperadamente voltar para casa e tendo minhas passagens canceladas semana após semana após semana por seis meses. que saudade dos meus pais. da minha irmã. da minha sobrinha. que saudade de brasília. fiquei seis meses na cidade e nem vi brasília. que saudade de Brasília. pensei em fazer uma ação na cidade quando estive lá, espalhar cartas pela área central, fazer lambes. mas não fiz. fiquei apenas confinada o tempo todo.

sete cartas para manter o céu em pé. papel de aquarela, alta gramatura. lápis duro. será HB? um HB azul? azul de anil para branquear roupas. eu nem sabia que era possível branquear roupa assim. essa disposição da obra de alguma forma me trouxe uma saudade imensa de visitar uma exposição. aquele cheiro de tinta fresca, a temperatura resfriada do espaço expositivo. saudade de pregar quadros nas paredes, de montar instalações, de acompanhar a montagem do desenho de luz. queria olhar essa obra mais de perto, entender as texturas, como funciona o anil sobre papel. não é a mesma coisa olhando daqui.

eu nunca visitei uma exposição de suporte analógico e interação física de forma digital. sempre que eu vou a uma exposição virtualmente, ou não tem como interagir com as obras, porque é uma visita em um museu clássico e as obras não foram feitas para isso… ou as obras são feitas para interação imersiva, usando algo como um óculos de realidade virtual. eu tenho um. quase nunca uso.

coloca questões que o público responde. o livro vira uma troca de mensagens com o espectador. como funciona isso? um livro impresso pode ser interativo? caderno em forma de sanfona. desenho x palavra. papel craft, vegetal e caneta branca.

> irma boom e seus livros brancos. meu deus, eu amo essa mulher. chorei quando conheci o trabalho dela, e nem artista ela é. eu amo livros. amo papel. amo designers de livros. papel vegetal me traz uma memória afetiva da infância. minha mãe tinha a coleção inteira de papel vegetal da editora… abril? será abril?

um livro que abre dos dois lados. eu já tive um livro assim, não me lembro como chama essa forma de edição. posso ler só o lado direito, ou o lado esquerdo. posso ler os dois ao mesmo tempo. colagem, frotagem. encadernação simples. parece a minha dissertação, mas é uma obra de arte. por que uma encadernação simples não pode compor uma obra de arte?

páginas soltas, quatro elementos da natureza presos em uma galeria. terra, fogo, água e ar. arte têxtil. suporte: pergaminho. elemento circular. natureza, ciclo de vida, relações entre as partes. elementos cósmicos, elementos da existência da matéria. a linha criativa, que compõe, que perfura.

a linha que atravessa essa exposição inteira, trazendo paralelos com o que foi o confinamento para cada visitante dessa exposição.

eu sempre penso que exposições tem essa capacidade de suspender o tempo e o espaço, seja acontecendo no cubo branco ou não. de alguma forma, tendemos a buscar nas obras uma identificação pessoal, o que encontramos ali que possa dialogar com a nossa vida, com a nossa história. '2020-2022 o século que não terminou' traz o sentimento de muitos: parece que o tempo está congelado. já faz dois anos, mas parece agora. parece que coisas que aconteceram em junho de 2020 e em março de 202I foram eventos contemporâneos um ao outro. você consegue situar claramente os acontecimentos no decorrer dos últimos 24 meses? nossa noção de tempo anda confusa desde que tudo isso começou.

esse século que se prolonga e parece não terminar teve dois anos de repetições, de novos hábitos adquiridos, de lembrar de lavar as mãos, colocar máscara, evitar aglomerações, evitar abraços, manter uma distância mesmo no meio da multidão. dois anos que nos lembra que estamos sozinhos mesmo em meio a tanta gente. e que nos lembra também que não estamos sozinhos e que todo esforço coletivo deve ser considerado.

é uma exposição que fala de um tempo preciso, traz um recorte, mas que vai além. uma leitura do nosso momento como humanidade, uma compreensão do que é ser contemporâneo, como diria agamben. traz uma reflexão sobre a nossa relação com o cotidiano, com preencher os dias, com perdas, com a morte, com envelhecer, com nosso próprio corpo, com nossa forma de enxergar o outro. tudo isso intensificado da noite para o dia, quando nos deparamos com uma realidade inesperada. traz reflexões sobre a nossa capacidade de manter a leveza em um momento tão complexo, de lutar pelos nossos direitos e exercer nossos deveres, de desejar um mundo melhor, de aprender a ter empatia.

"O contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo a escuridão do presente, apreende a sua luz inalienável; é também aquele que, dividindo e interpelando o tempo, é capaz de transformá-lo e de relacioná-lo com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de "citá-la" segundo uma necessidade que não provém de maneira alguma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual não pode não responder. é como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora."
AGAMBEN, Giorgio. What is an apparatus? And other essays. Califórnia: Stanford University Press, 2009, p. 53

(tradução livre da autora)

apesar de tudo que nos foi colocado à prova em 2020 e 202I, a exposição nos permite entender e acolher nossa humanidade: com fraquezas, histórias, alegrias, aprendizados, memórias, mágoas, traumas, prazeres, angústias e crenças. somos humanos inseridos em um mundo de infinitas conexões, onde a interação de cada parte importa, onde a relação entre as partes é o todo. um mundo para o qual representamos um elemento importante, mas não o mais importante. se tem algo que a pandemia nos trouxe, é a clareza de que tudo importa e tem um peso: a dor do outro, as diferentes realidades, a natureza, as outras culturas, a vida de cada indivíduo, cada povo, a ação humana avançando e ameaçando a natureza e ameaçando a sua própria existência. 2020-2022 nos lembra que somos humanos, mudados diariamente pelo mundo que nos cerca, mas dotados da capacidade de igualmente mudarmos esse mundo.

Suzzana Magalhães, 2022

©_suzzana

Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília e Mestre em Gestão de Projetos pela Universidade Lumière Lyon 2. Desde 2006 trabalha com arte, cultura e comunicação, tendo atuado como curadora, produtora, pesquisadora e gestora de equipe e de projetos. Ao longo da última década, cooperou com instituições como Aliança Francesa (Brasília), CCBB, Museu Nacional Honestino Guimarães, Organização Internacional da Francofonia, EUNIC - Institutos Nacionais de Cultura da União Europeia, Arty Farty (Lyon) e Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Tirana, Albânia).

Catálogo

2020-2022 o século que não terminou

Fotografia e Tratamento de imagem

David Vidad

Apresentação e Diagramação

Fabiola Notari

Texto crítico-poético

Suzzana Magalhães

Revisão

Leda Lucas

ISBN 978-65-00-408I5-7

Realização

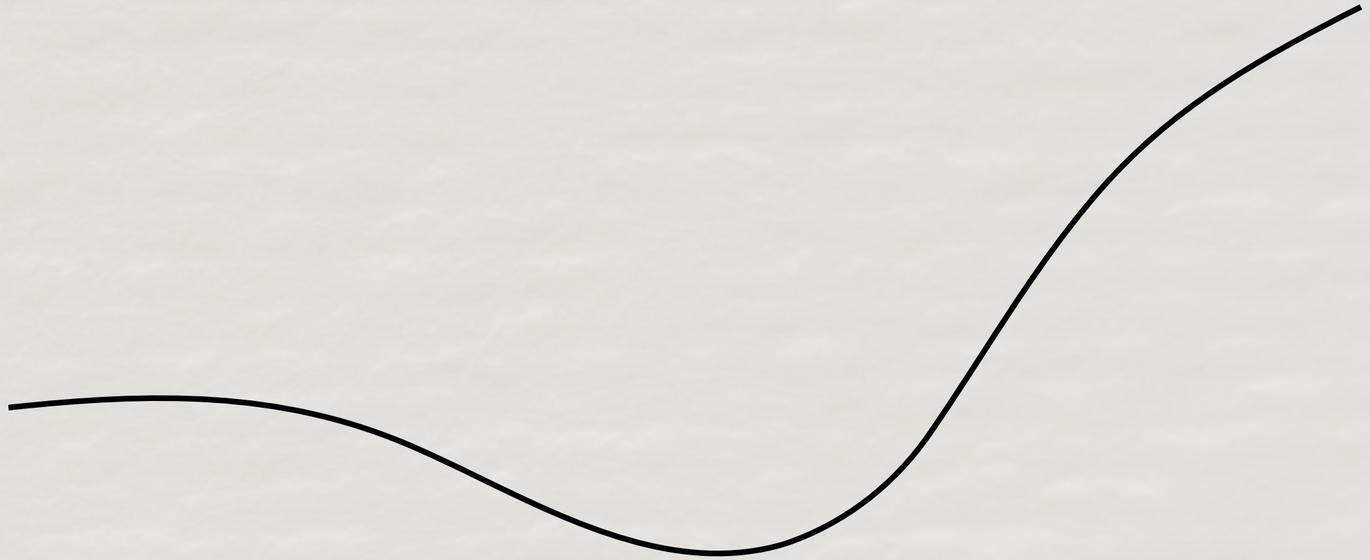
Grupo de Estudos
Livros de artista, livros objetos: entre vestígios e apagamentos

TOTE
ESPAÇO CULTURAL

Apoio

Casa Contemporânea
Atelier Exposições Debates

Núcleo de Livros de Artista



ISBN 978-65-00-40815-7